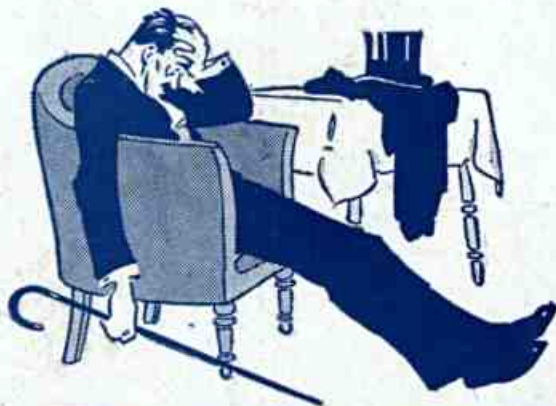
FON FON
ANNO XXVI — N.º 33
Rio, 13 de Agosto de 1932
— PREÇO: 1$000 —

QUANDO...

O dono da casa te paulifica...

e a musica e o canto são horripilantes...

e a tua sorte no jogo não podia ser peor...

e, chegando em casa, sentes uma dôr de cabeça desesperadora, é então o momento de tomar a infalível

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

que te aliviará e reanimará sem prejudicar o teu organismo

A CAFIASPIRINA é tambem prodigiosa para as enxaquecas, nevralgias, reumatismo, dôres de dentes e ouvidos, resfriados, etc.

BAYER · SE É BAYER É BOM · BAYER

O conto brasileiro

A SEPULTURA ABERTA

(Inédito do "MANIPUEIRA")

De FRAN. MARTINS

QUANDO "Balão", o famoso bandido que fez parte do temivel grupo de bandoleiros cuja autoridade suprema é Virgolino Ferreira, foi preso e remettido para a cadeia de Fortaleza, eu tive uma grande vontade de ver o célebre capanga de Lampeão e entreter com elle pelo menos meia hora de palestra.

Não era só a instinctiva curiosidade que sentimos ao se nos deparar semelhante occasião. Eu antes travára conhecimento, graças a Deus agradavel, com o insidioso bandido, e o meu desejo consistia principalmente em desvendar o mysterio que envolvia o caso do nosso primeiro encontro.

Foi no tempo em que o cangaceirismo campeava no sertão cearense e o grupo do "Bom Divéras", no Cariry, ora entre Crato, Joazeiro e Barbalha, ora na serra do Araripe, praticava as maiores crueldades e commettia assassinios terriveis.

Eu era um pequeno alumno do Collegio Diocesano do Crato e, certa tarde — foi no dia do meu anniversario — vinha sózinho de Barbalha, apertado numa farda kaki e açoitando o burrico enfezado que o meu padrinho Zé Preá me havia emprestado para a viagem.

Criança ainda, enthusiasmado com a primeira namorada que mais a minha farda do que eu conquistára na Barbalha, um maço de cigarros no bolso, no antegozo de deleitál-os sem receio de ninguem ir contar a meu pae ou aos regentes internos do collegio, eu não tinha ligeira idéa do passo que estava dando. Regressava saudoso das feiras, com essa saudade pueril da gente aos doze annos, e como quizesse fazer uma surpresa em casa, não esperei o portador que vinha do Crato afim de me servir de companheiro. Quando se é pequeno, longe dos conselhos da familia, cuida-se dessas idéas de facil execução, não pensando siquer nas consequencias que dahi poderão advir.

A tarde era linda e triste, com essas côres que o sol nordestino sabe imprimir á natureza, pintando de saudade as arvores mortas e dando um que caracteristico aos longos caminhos cobertos de folhas sêccas e cipós esparsos e revoltos. Uma viração ruidosa vinha do lado da serra do Araripe, fazendo os arbustos gemerem e os ramos das arvores extorcerem-se impiedosamente.

Já havia transposto a metade do caminho quando, subito, numa volta da estrada, encontrei um rapagão seguindo na minha mesma direcção. Ao ver-me fardado, valentemente cavalgando o burrico enfezado, o meu novo companheiro tomou-me por membro da musica de Barbalha, religiosamente denominada "Philarmonica Santo Antonio".

A conversa foi travada com facilidade:

— *Moço, que mê pregunto, vossemecê vem da Barbáia?*

Respondi que sim. O homem sorriu.

— *Vossemecê num viu dizê qui "Bom Divéra" vai atacá a cidade hoje não? Me dixéro que os povo de lá tá se perparando móde não dêxá ele entrá. Dixéro até qui só da Bolandêra tinha ido vinte home, todos de rifle e disposto mesmo a obrigá "Bom Divéra" vortá da porta...*

Tomei a defesa da Barbalha e falei com enthusiasmo que "Bom Divéra" era incapaz de assaltar a cidade. Extendi-me sobre a coragem dos barbalhenses, fazendo algumas citações a respeito de homens valentes e cabras afoitos que juravam não temer cangaceiro nenhum, mesmo porque "bandido só tem coragem de emboscada". Terminei, emfim, contando que lá se estava aguardando o ataque de "Bom Divéra", e si elle fosse, certamente seria preso com todo o grupo, pondo uma convicção enthusiasta nestas ultimas palavras.

Mais adeante, o meu companheiro deixou-me novamente, tomando por um atalho. Eu continuei sózinho o resto da viagem, fumando gostosamente um cigarro e cheguei no Crato á noitinha. Mas, quando contava em casa a travessia sem accidentes que fizéra, não deixei de tremer ao ouvir do meu tio que naquelle dia "Balão" fôra visto na estrada de Barbalha pedindo informações dos viajantes sobre a situação daquella cidade, mostrando elle assim o perigo da minha vinda desastrada. Como depois me senti feliz por ter esquecido de narrar a conversação entabolada com o desconhecido!

Eis ahi, pois, como travei as minhas primeiras relações com o bandido que, annos mais tarde

(Continúa na pag. seguinte)

TRES CARTAS

E, si a leras, é quasi certo que o seu remetiente já esteja mordendo a areia ardente do deserto, morto por um ideal nunca prelibado, de uma bandeira estranha, longe da patria, sem a luz infinita do teu olhar, sem a immarcescivel paz do lar onde vivêra, vivendo agora de saudades, mirrando-se de angustia, sem um lume onde aquecer as mãos geladas, sem uma enxerga piedosa onde encostar-se...

Eu per semper...

M..."

O homem deve sempre nascer adequado á época em que vive. Na Vida, é sempre tão perigoso ficar-se muito atraz como ir-se á frente. Ao ler a segunda carta do infeliz, de que tambem fui o inconsciente destinatario, fiz uma prece intima aos meus manes que, effectivamente, já tivesse mordido a areia ardente do deserto ou o "caffard" já houvesse completado no infeliz a loucura de que havia muito se achava

De LAURO MENDES

(Continuação)

possuido. Eu conhecia a Legião Estrangeira, através as palavras immortaes de "Beau-Geste". Conhecera tambem através os relatorios de diversos commandantes dos fortins esparsos pelo deserto, do Sahara, e que eu manuseára muitas vez quando funccionava como addido interprete do Consulado Francez em Tanger. Para ella engajava a França, por cinco annos, o rebutalho de sua sociedade, ou acceitava, sem distincção de raça ou nacionalidade, todos os que procurassem aventuras — que não faltavam — que fizessem esquecer desillusões, desenganos, ou satisfizessem aos espiritos insoffridos dos irrequietos que lá chegavam. Dentro dos fortins imperam a monotonia e a rispidez da casa de armas. Do alto do céo ardente tomba o sol impiedoso, que quebra a resistencia dos mais fortes, empolgando os corpos endurecidos pelo regimen, amolientando-lhes as fibras e os animos mais audazes. Ao fim de alguns dias de Legião, o legionario já sente exgottado o sabor da novidade que a principio lhe povoava a mente de sonhos. Mas é tarde. Estrangeiro, embora, o homem alistado por cinco annos deixa de ser um homem para ser um numero, e durante cinco annos é propriedade absoluta da França, que delle dispõe como unico meio de manter em relativo respeito a moirama rebelde que infesta o "bled". Logico é, portanto, que o numero de desertores seja grande. Mas os regulamentos militares, cujo rigor com tal classe de legionarios é sobremaneira notorio, pouco trabalho têm com o cumprimento dos preceitos militares, porque o castigo infallivel se esconde atraz das dunas movediças, onde se esconde o mouro sanguinario, sedento de ganhar o Paraiso enchendo o "dossier" de feitos com a morte dos infieis. E quando as pernas esgalgadas do "mehari" conseguem pôr o fugitivo fóra do alcance das

---

A SEPULTURA ABERTA

(Continuação)

vinha de ser recolhido á cadeia de Fortaleza. Então, desejoso de conhecer a razão por que o cangaceiro me poupára da morte, pois era costume serem assassinados os viajores que, inadvertidamente, nas estradas, se manifestavam contra os de seu grupo, dirigi-me, um dia, á penitenciaria e, graças ao conhecimento que em outras occasiões pudéra fazer com "Gengibre", ex-sargento de "Lampeão" quando este foi feito capitão patriota, pude emfim encarar-me com José Palmeira da Silva e satisfazer á minha curiosidade de alguns annos.

Mal o bandido me reconheceu, lembrando-se da passagem que pormenorizadamente lhe narrei, abriu a larga bocca onde se viam dentes

— E' aqui que dão cinco contos a quem encontrar um collar perdido?
— Sim. Você o achou?
— Não. Mas eu vou principiar a procurar, e vim para pedir um pequeno adeantamento...

carabinas marroquinas dos "tuaregs" famintos, então o "caffard" se encarrega de ir enlouquecendo paulatinamente os cerebros mais lucidos e fortes. E si a França periodicamente mandasse recolher do deserto, de tempos a tempos, os restos mortaes dos filhos da desillusão, teria certamente uma grande provisão de ossadas esbranquiçadas e trituradas pela hyena lugubre e uniformes rotos e abicados pelos abutres providenciaes.

Resolvi, então, procurar saber quem era a creatura a quem eram dirigidas as desoladoras missivas. Impossivel seria que o seu coração não se confrangesse ao ler a descripção da miseria moral em que o seu indifferentismo atirara o cerebro perfeito que eu sentia cruelmente desatinado pelo "caffard". E porque eu sentia que muito breve o 342 não seria mais um Legionario, e sim um desertor, e mais uma victima para o estomago insaciavel do deserto ou para séde sanguinaria do "tuareg". Como elle, eu fiquei deslumbrado com a creatura, para mim um sonho feito carne, e a sua apparição abriu para mim um ambiente de sonho numa vaga manhã doirada. Fiz-lhe chegar as cartas ás mãos, com algumas palavras minhas, de commiseração pelo meu igual que soffria. E, infelizmente, foi tudo em pura perda, porque H... — a princeza — sorvia a sua mocidade a largos tragos, bebendo tudo da vida que era bello, porque bella já é a Vida. Não pude censural-a, eu, que a principio me rebellava contra a sua incrivel maldade. Como poderia uma rosa viçosa como aquella ser posta em contraste gritante com uma flôr menos viçosa e louçã do que ella? Ali só havia um dilemma: ou levar uma perfeição á rosa ou levar uma rosa á perfeição. E a rosa que eu conhecêra já tinha attingido a perfeição.

E eu não tive coragem de mandar dizer ao pobre legionario que um dia, do numero da rua para onde elle desejava escrever, sahiu um casamento principesco...

E eu recebi a terceira e ultima carta dolorosa...

"Forte de Charmasson, 1931.
"Princeza.
"Já não sou eu quem escreve. Fál-o, por mim, um enfermeiro senegalez, no pequeno hospital militar do forte. Não posso escrever, porque estou cégo, e, infelizmente, temporariamente. Antes tivesse ficado definitivamente privado da luz do dia, já que me privaste da luz dos teus olhos: cegoume, por alguns dias, o mordente sol do deserto sahariano. E mais nada. Finda a minha cegueira, eu serei remettido para o forte de Zindemeuf, no interior do deserto, aquelle mesmo forte que P. C. Wren descreve em "Beau Gest", este livro admiravel que o teu espirito de escól já terá certamente devassado. Espera-me lá a morte impiedosa e o fim dos meus tormentos, sem uma voz amiga que me consóle, sem um parente que recolha as ultimas vontades. Desertai, como quasi todos fazem. O meu bom "mehari" branco livrou-me das balas dos mouros, mas levou-me para o deserto onde o "caffard" me cegou e eu fui capturado por "harka". E, julgado por conselho de guerra, fui

(Continúa na pag. seguinte)

— O aviador, chefe de esquadrilha, sáe a passear com seus filhinhos.

A SEPULTURA ABERTA

(CONCLUSÃO)

cariados e, numa gargalhada sertaneja, como si aquillo para elle fosse coisa de minima importancia, explicou-me em poucas palavras qual seria o desfecho daquelle drama inacabado:

— *Quá, seu môço, si eu despois num tivésse visto pelo képi que vossemecê era aluno de collegio e não musico da Barbáia e si vossemecê num tivesse caido na esparrêla de dizê que o pôvo de lá távo armado móde se defendê de nóis, vossemecê já távo naquela hora com a serpultura aberta pra fazê compania aos outros dois, qui, áquela tarde, quizéra nos enganá e nóis tinha feito imbiocá móde aprendê a falá a verdade, comendo areia, de papo pra baixo...*

TRES CARTAS

(Conclusão)

condemnado a ir servir em Zinderneuf, depois de curado. Lembras-te de "Beau Geste"? Lembras-te do espectaculo tetrico dos mortos encostados ás setteiras, fazendo de invulneravel e fantastico inimigo a lutar contra os mouros? O livro espalhou o estratagema, e quasi todos os commandantes de legionarios usam do mesmo ardil e talvez um dia, no accesso da luta, eu succumba e meu cadaver seja posto em uma setteira, fusil nas mãos, e o olhar vitreo, parado, fito no horizonte ardente, como velando pela chegada de um sonho vago e inconfundivel. De Zinderneuf nunca mais poderei escrever-te. Quando os Legionarios vão para lá, são peores do que os Legionarios communs. São duplamente maus porque são desertores, e o seu rancor contra a humanidade recrudesce assustadoramente, e por este motivo nunca tomba aquelle baluarte: os homens lutam desesperadamente, não com o instincto de conservação, porém unicamente para matar, matar homens, sem razão de raça.

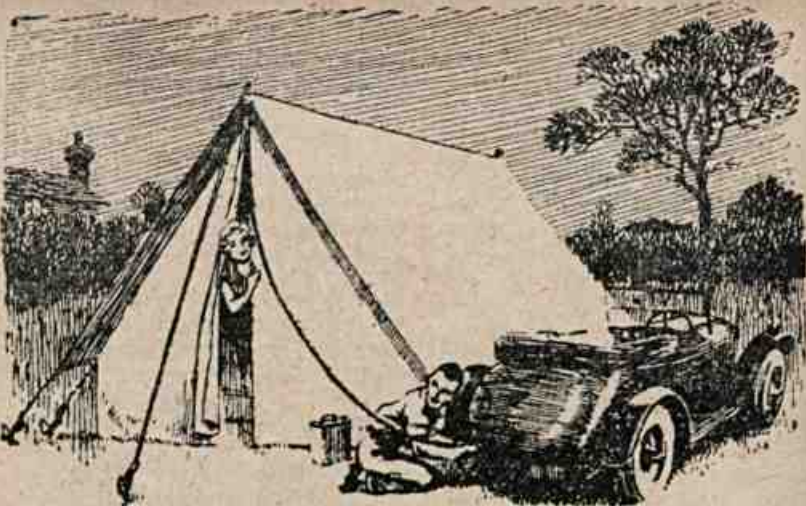
Reconheço agora que fui um covarde, em fugir da minha patria, somente porque um amôr infeliz não me sorriu á alma, suavemente, como nascem as magnolias nas estufas. Fiz peor do que suicidar-me, porque me enterrei em vida, e mergulhei os meus infinitamente no desengano cruel de ignorarem a minha existencia e o meu paradeiro. Adeus, princeza inatingivel. Peço-te que, ao receberes esta, vás procurar minha familia e communicar-lhe o que é feito de mim. Dize-lhe que o M... já não é o mesmo: é agora o 342-D — 342-Desertew — que já desappareceu...

E, definitivamente, Adeus...

342-D"

Eu fiz, para ella, a ultima vontade do infeliz. Previ-lhe o fim, que effectivamente se deu, deante aos mouros sanguinarios do "bled". Morreu lutando contra os "tuaregs", conforme informação que tive do Commando Militar da Legião Extrangeira, em Tanger. Ignoro si o seu cadaver teve o destino que elle receiava, de ficar fantastica e invulneravelmente enfrentando o inimigo cruel, fitando o horizonte ardente um ideal esfumado e inconfundivel. Eu lhe reverencio a memoria de poeta, mas não a do homem. Foi um covarde, porque fugiu de "um amor" que lhe não sorriu, mas foi um poeta porque viveu longo tempo de uma esperança ingrata.

"Ella" hoje está mais bella, e já soube das cartas que aqui divulguei. Um insignificante engano da numeração de minha rua trouxe-me á mão o doloroso repositorio de tanto fel armazenado no coração, e o mesmo insignificante engano trouxe ás nossas vidas, — á nossa e á daquella a quem eu hoje chamo de Princeza — um rumo inteiramente diverso.

"Ella" hoje está casada commigo...

Ella. — Acreditas que o auto esteja em segurança até amanhã de manhã, Jorge?

Elle. — Pois si eu acabo de amarral-o á tenda, querida...

Discurso

De Hermino Lyra

TODOS os annos se dava a mesma coisa. No anniversario do passamento do fundador da sociedade, tinha Chico Miloca de fazer o discurso acêrca do infausto acontecimento. Fazia questão de uma tribuna bem alta para falar ao numeroso auditorio.

Possuia um caderno que vivia a ler como o clerigo lê o breviario e onde copiava trechos de discursos laudatorios e pelo qual fazia sempre o elogio posthumo. Collocava o caderno em posição estrategica, ia virando-lhe as folhas, escolhendo o excerpto de outros discursos de outros oradores e orava com serenidade.

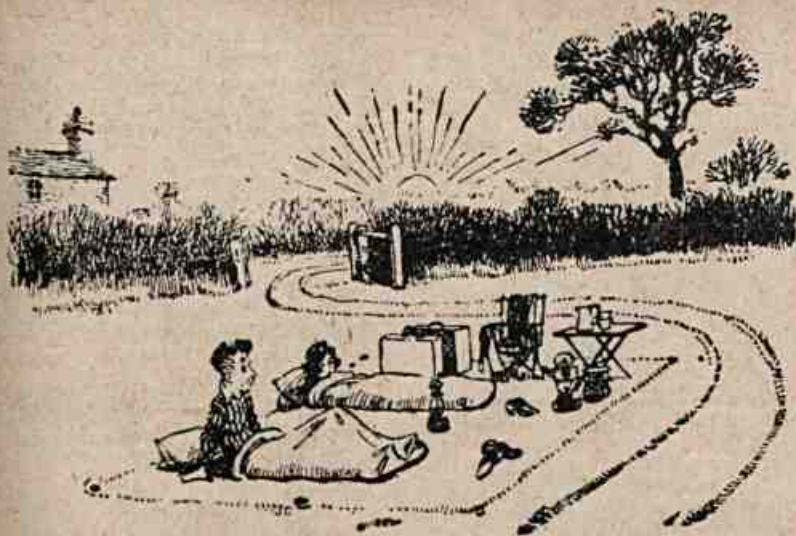
Notavam todos o cacoete, a mania de Chico Miloca começar sempre os notaveis discursos acêrca do fundador da sociedade com estas palavras:

"Qual a rôla gemebunda..."

E enveredava após no trecho escolhido, e de quando em quando bebia agua ou cofiava o bigode.

Uma vez vae orar em sessão solenne para ser commemorado aquelle anniversario. Prepara o discurso. Lê diversos excerptos. Escolhe os preferidos. Marca com pedaços de fita os mais convenientes á cerimonia.

Quando sae de casa, não esquece o prodigioso caderno e bota-o no bolso do casaco.

Aberta a sessão, dada a palavra ao orador official, sobe Chico Mi-

Na manhã seguinte...

fica a tribuna. E' recebido com salva de palmas. Solta da garganta o classico pigarro, dirige-se á mesa que presidia á sessão, dirige-se ás autoridades presentes, ás excellentissimas senhoras e aos "meus senhores". Em seguida, profere as indefectiveis:

"Qual a rôla gemebunda..."

Abre o caderno, collocado num tamborete quasi á altura do parapeito da tribuna, e fica como devera ficar o condemnado ás penas eternas!

A's pressas, ao sahir de casa, houve lamentavel equivoco: em logar do caderno de notas rhetoricas estava alli, burguêsmente esparramado, o caderno da venda!

"meio kilo de bacalhau".

"uma garrafa de vinagre".

"um pacote de phosphoros" etc.

Chico Miloca concerta a physionomia, procura alinhavar de memoria algum trecho mais sabido, e, emquanto dava tempo ao tempo, repetia:

"Qual a rôla gemebunda..."

Porém nada lhe vinha á mente! E repetia mais uma vez:

"Qual a rôla gemebunda..."

E mais outra vez:

"Qual a rôla gemebunda..."

Um rapaz resolve ridicularizal-o e começa a cantar como a rôla fôgo-pagô do sertão:

"Fôgo-pagô! Fôgo-pagô! Fôgo-pagô! Fôgo-pagô!"

Chico Miloca desnorteia, cae em syncope!

Correm-lhe ao encontro, amparam-no, levam-no em seguida para a casa delle.

Lá finge voltar a si. Commovida, exclama a boa espôsa:

— Coitado!

E êlle, muito desconcertado:

— Não é nada...

— Nada? Pois não tiveste uma syncope?

— Qual! Estou é damnado, furibundo por ter esquecido o discurso!

DEMOCRITO C. S. (Parahyba) — E' muito lisonjeira para mim a sua expressiva cartinha. Ella representa um brado de solidariedade que o sr., com a sua mocidade pujante e o seu espirito de justiça me traz.

Eis a sua missiva, na integra:

"Amigos de *Fon-Fon*, na pessôa de Yves:

Lendo "Saibam todos", a secção que fazes, e que muito admiro pelo brilhantismo de tua pena, encontrei na resposta ao Gilberto Severo N. (Capital), o seguinte:

"... Dahi a razão porque meu livro está sem propaganda. Junte-se a isso a má vontade dos collegas de imprensa, dos "officiaes do mesmo officio", que se vingam em dizer mal do romance, tachando-o de licencioso e da minha pessôa, chamando-me de cretino.

"Entretanto — continuas dizendo, e com muita razão — nem eu sou cretino, nem o meu livro é licencioso: é apenas real, verdadeiro; encerra uma lição rude e amarga para aquellas que não conhecem a vida e os vicios dos cariocas."

— Muito bem, Yves!

— Yves, sei que não precisas de elogios, nem de conforto de admiração, porque és um "homem superior" como disse Hermeun Fontes, um espirito elevado, e por isso disposto a triumfar na vida.

Por tudo isso te invejam! Embóra não tenhas inveja de ninguem, como dizes adiante, e sim, um verdadeiro cultor da verdade.

Não é uma solidariedade (cousa tão perdularia atualmente) não, não é! Mais do que isso: um abraço cordial de amigo, que, no amplexo de amizade, felicita a victoria de *Uma Garçonete Carioca*, digo: *Uma Garçonne Carioca* — quer queiram, quer não — e empresta toda a energia moça dessa "mocidade" á cachoeira do saber e da verdade triumfante — que és tu, Yves.

E' o nosso protesto que se irmana ao *teu*.

E' um abraço de cada um de nós, particularmente, e dessa *nova publicação* feita por moços que esperam o acolhimento animador — como o *teu*.

Recebe mais um abraço do amigo que te aparece mas um amigo disposto a lutar, tambem, pela verdade e pelo direito.

Democrito de Castro e Silva

Redator-Secretario"

Quanto ao mais, agradeço-lhe os numeros da *A Mocidade*, a interessante revista que se publica, sob a sua direcção, nessa capital.

J. SANTIAGO (Pernambuco) — Oh, caro confrade! Analysemos as coisas com serenidade. Diz o senhor:

"Meu caro Yves — Saudações — De há muito, que o não aborreço, em lhe pedindo a publicação de meus horrorosos versos. Agora, entretanto, com esta, estou á sua amavel presença, incommodando-lhe, mais uma vês, a paciencia requintada. E' escusado dizer, que venho pedir-lhe para publicar os versos inclusos.

Ultimamente, você, meu camarada, tem *tocado a ripa na tropa literaria da sua terra*. Não é, porém, de todo, justa essa campanha. Eu mesmo já lhe tenho enviado livros e revistas da nossa terra. Não sei, entretanto, se por lá chegaram eles. O que sei, é que estou falando verdade."

Ahi está uma novidade para mim: que o sr. me manda livros e revistas de nossa terra. Certamente, o correio não m'os tem entregue.

Do sr. estou certo de uma cousa: é que sempre attendo os pedidos que me faz — para o sr. e para os seus amigos. Sei mais ainda: o sr. só se lembra deste seu collega quando necessita de algum obséquio meu. Si isto não é verdade, que o céo caia em cima de mim.

As suas collaborações serão publicadas oportunamente.

Aliás, isso não é novidade para o sr. Bem sabe que sempre lhe fiz justiça, reconhecendo o seu formoso talento.

O CYSNE

Sobre as limpidas aguas
Do lago,
Num doce affago,
Lentamente, deslisa
O cysne branco.
E as limpidas aguas
Baloiçadas pela brisa
E pelo cysne branco,
Parecem maguas
Num murmurio franco.

O cysne de alvas pennas,
Sobre as aguas serenas
Vive feliz
Silenciosamente,
E olha indifferentemente
Para o destino ultriz!

O cysne branco, immaculado,
Julga-se tão feliz e é desgraçado!
A sua vida corre
Cheia de maguas,
Como ella, quando corre sobre as aguas...
E pela primeira vez que vae cantar,
O cysne branco, sem magua e sem pezar,
Canta... abre as azas e morre!

SAMPAIO JUNIOR

MORENA (Capital) — Indico-lhe o professor Reglisse, graphologo illustre, que lhe dará as lições que pede, por preços modicos. Elle lhe aconselhará tambem os livros a que se refere. A caixa postal é 3137. Queira escrever-lhe, e obterá resposta com a devida urgencia.

Por mim, só faço estudos graphologicos para os conhecidos. E' preciso que haja entendimento pessoal, aqui na redacção, entre a parte da manhã e da tarde — 3 ás 5 horas — telephone 2-4136.

MARTHA VALLIS (Capital) — Está fraco o seu canto. Mas é publicavel. E' só o que deseja ?

JOÃO SILVEIRA (Minas Geraes) — A obra que deseja adquirir encontral-a-á na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Escreva para ella e obterá a resposta que o interessa.

COHEN (Capital) — Os seus sonetos não podem ser aproveitados. Estão maus, positivamente. Desde que remetta coisa melhor, terá o meu apoio.

NANA' (Capital) — Não ha motivo para estranheza. Ora'essa ! A vida é feita de interesses.

V. Ex. escreve, — porque deseja o "honroso nome de literata, cobiçado por tantas e conseguido por tão poucas", segundo declara, textualmente na sua missiva. Um nome literario, para V. Ex. é coisa que vale muito. E' justo, pois, que alguem trabalhe, desinteressadamente, por quem deseja obter essa conquista ? Então, V. Ex. é egoista: só quer para si. Não é verdade ? Quer tudo merecer, mas acha que os demais nada merecem. E' bôa a sua doutrina. Mas só é bôa para V. Ex....

Creia que, com esse egoismo evidente, e essa intenção de usufruir o maior lucro possivel das coisas que nenhuma vantagem trarão para os outros, V. Ex. não conseguirá ser literata em parte alguma.

Já se foi o tempo em que os literatos acreditavam nessa cantiga de "irmãzinha dedicada" e "amiguinha reconhecida" etc. e tal. Nós, outros, vivemos a elogiar e a fazer o nome de Mlle. Fulaninha e Mlle. Sicraninha para, no fim, ellas passarem pela Avenida, ao lado do "outro", e fingirem que não nos vêem...

Não acha que seria um messianismo inutil, esse de nossa parte ?

Não se esqueça deste principio philosophico: Para colher é necessario semear.

Nada de egoismos.

De resto, devo ser franco com V. Ex.: ha muito quem faça egual pedido. Em taes circumstancias, é preferivel trabalhar por aquelles que sabem retribuir. Não é humano ?

O outro lado da medalha:.. os seus versos estão maus. Ha nelles logares-communs que desorientam. Exemplo:

Ah, não sabes amado que o meu
[beijo
E' feito do mel das flores do valle.

Ainda:

O meu amor é um ninho de cari-
[cias...
Tu és a ave que passa nesse ninho.

Acredito que o seu amado ganhará muito com isso. Pelo menos, mais do que nós... que, no caso, o que fazemos é não ganhar coisa alguma... A literatura, porém, perderá. Embora ganhe os versos de uma poetisa que só conhece do Padre Nosso o — "venha nós"...

CARMEN (Capital) — Não sei a quem se refere. Creio porém que está com a razão. E, nesse caso, acceito as condolencias.

YVES.

METEMPSYCHOSE

"Amo-te tanto, tanto"...
— falava-me, sorrindo —
"que desejava que, por um encanto,
"teu ser em mim se fosse confundindo...
"E, alma, penetrando no meu peito,
"vivesses, para sempre,
"dentro em meu coração insatisfeito!

"Todos perguntariam onde estavas
"e eu, unicamente, saberia
"que no meu coração tu repousavas...

"Serias meu, e então
"a nós dois bastaria
"somente um coração.

"Pelos meus olhos é que tu verias
"e, pois, os teus ciumes
"nunca mais os terias..."

....

Tudo isto ella falava, muito doce...
e eu pensava, fitando-a:
como seria grato si assim fosse:
eu dentro da sua alma e, para sempre,
sentindo-a...
...e amando-a!

J. TESTA

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 13-8-932

Data da consulta............

Nome do consulente............

....

Novos alimentos do reino vegetal

QUAES serão os nossos alimentos dentro de cem annos? E' a pergunta que os norte-americanos sempre promptos a tomar caminhos novos, a deixar de parte as tradições, fazem a si mesmos, desde algum tempo. E como de costume, quando se propõem um problema de feição pratica, procuram a solução com um enthusiasmo que nós desconhecemos.

Elles estão convencidos de que as exigencias economicas, e as pesquizas medicas no campo da alimentação devem, necessariamente, fazer modificações, melhoramentos e uteis acrescimos ao numero tão limitado dos nossos alimentos, especialmente no reino vegetal. Muitos, como a batata, são relativamente recentes. Do meio milhão de plantas conhecidas, o homem até agora só aprendeu a utilizar-se de uma pequena porção dellas. Muitas das plantas cultivadas para a alimentação humana são caras demais em relação ao seu valor alimenticio, ã de difficil digestão, e muitas poderiam ser substituidas por outras mais ricas de vitaminas, ou mais saborosas e de mais facil cultivo e preparo.

De como são infinitas as possibilidades em materia de aperfeiçoamento dos productos do solo, o demonstram os estudos e as descobertas de Burbank na California. Naturalmente, as novidades, em relação aos alimentos, são difficies de se introduzir sendo o homem terrivelmente conservador no que diz respeito a cosinha.

Aventurosos pesquizadores

Esses são uns poucos exemplos da obra realizada pela instituição de Washington, cujo successo é devido a um certo numero de audazes e habilissimos exploradores continuamente em viagem nas regiões mais inhospitas da terra. Um dos mais ousados e que se arriscou, mais de uma vez, a ser assassinado na China, o sr. Meyer, colheu alfafa no Caucaso, sorgo e peri chinezes na Mandchuria, pecegos e amendoas silvestres na provincia de Kian-Su, caniferas selvagens no Wa-Tai-Shan, amendoas, cerejas e abricós anões no Turkestan russo.

Outro explorador, o sr. Shantz, percorreu dez mil milhas entre a Cidade do Cabo e o Egypto, e, depois de haver explorado a jungla do Congo Superior, levou comsigo á America 1.600 exemplares de plantas africanas que são de mão em mão estudadas nos especiaes campos experimentaes dos diversos Estados da União.

Todas essas plantas e sementes, ao chegar na nova patria, passam por um exame severissimo, afim de que se não introduzam insectos e doenças parasitarias de fazer corar um inspector de immigração da estação de Ellis Island.

Pouco tempo depois, as plantinhas americanizadas estão promptas para ser distribuidas aos cultivadores situados em regiões de clima adequado. O cultivador, porém, obriga-se a fazer um relatorio annual sobre o progresso do novo cidadão.

Esse instituto orgulha-se da pera assyria, muito resistente ás doenças que atacam as suas irmãs; da castanha chineza, que não soffre a doença commum na corticça; do choupo chinez, indifferente ao calor, ao frio excessivo, á secca; do petsai chinez, rival da alface que dá em toda a parte, e cujo custo de cultivo lhe é muito inferior.

Em Washington se crê que o náo japonez se tornará uma das hortaliças mais populares. Parece com o espargo mas é mais comprido e se come até a base. Espera-se, igualmente, tornar popular o dasheen, semelhante á batata, mas de sabor mais delicado.

Apezar dos progressos feitos nesse campo e no campo dos melhoramentos dos productos indigenas, a instituição americana está persuadida de poder fazer muito mais, que a sua tarefa até agora apenas está tacteando.

Esse trabalho, para o qual não se poupam os dollars, é incitado pelo proprio pedido dos cultivadores, que se esforçam para dar melhor sabor a seus fructos, mais delicado perfume a suas flores ou maior percentagem de alcaloides as suas plantas medicinaes.

SOBRE O AMOR

Nada ha de mesquinho em amor, salvo nas almas mesquinhas. — Madame de Lambert.

* * *

Quando nos falta o ideal e a fé nos abandonou, o amor, flor de divino perfume, nos sustenta. Louise Colet.

* * *

Ella adora-o. Um dia, porém, por casualidade, o engana. E só então verifica, com assombro, que não o amava. — E. Rey.

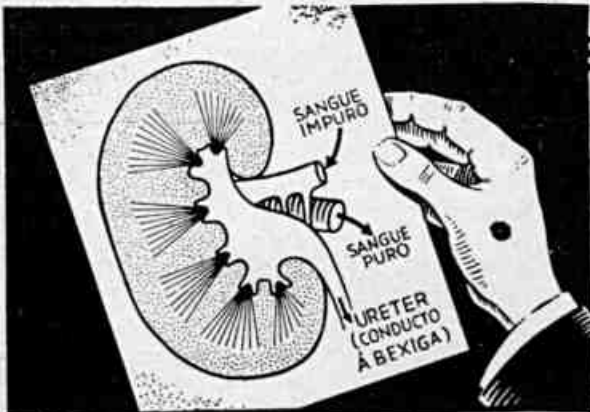
AS MULHERES DO THIBET

Como acontece com todas as outras do mundo, as mulheres do Thibet submettem-se a terriveis tratamentos para alcançar o maximo de belleza. Ao cahir da noite a mulher thibetana fricciona o rosto, o collo, os braços e as mãos com manteiga liquida afim de curar as esfoladuras causadas pelo vento cortante e pela temperatura da região.

No dia seguinte logo que se levanta, fricciona-se com cinza, misturada na manteiga. Permanece varios minutos com esta camada de cinza e, depois, em vez de agua emprega um fio de seda, muito forte, que esfrega no rosto.

O VALLE DA MORTE

A região mais quente do mundo seria a de Death-Valley, um enorme valle deserto continuado entre a California e o Estado de Nevada. Em Junho de 1913 registrou-se nesta região a temperatura mais elevada de que se tem noticia, com 57 gráos e dois centigrados. Durante os mezes de junho, julho e agosto a temperatura nunca é inferior a 38 gráos. Em principios de setembro do anno passado a temperatura foi de 58 gráos.

Este valle, que deteu o record das temperaturas mais altas, é uma profunda depressão de uns cento e setenta kilometros de extensão, que corre de nordeste a sudeste. Tem uns 14 kilometros largura. Esta região é circumdada de grandes montanhas e a agua é muito rara em Death-Valley (Valle da Morte). E' commum encontrarem-se ahi corpos sem vida, de homens que penetraram no valle, ahi perdendo-se, e que foram fulminados pelo sol antes de conseguir transpor a região. O governo americano resolveu estabelecer ahi um observatorio, mas os brancos mal resistem tres, quatro mezes nesse valle de infernal temperatura.

As vantagens da publicidade

UMA OPINIÃO AUTORISADA

O jornalista francez André Lafond, director de um importante diario da cidade de Rouen, publicou, recentemente, um livro sobre a America que visitou como profissional da imprensa e como homem de negocios. Nessa obra, intitulada "Nova York 28", o sr. Lafond reuniu os os artigos que escrevêra para o seu jornal, com as impressões da sua viagem á grande Republica dos Estados Unidos.

Ha no livro do collega francez, um interessante capitulo dedicado á publicidade, e do qual merecem ser conhecidos os trechos que, a seguir, publicamos.

"... Os jornaes americanos que se vendem de 2 cents (50 centimos) a 5 cents (1 fr. 25), têm, em cada dia, de dez a vinte paginas de publicidade. Por exemplo, os armazens de John Wanamaker, em Nova-York e em Philadelphia, que correspondem sensivelmente aos nossos grandes armazens parisienses, publicam quotidianamente, do primeiro ao ultimo dia do anno, dois annuncios duma pagina cada um em todos os jornaes de Nova York e de Philadelphia. Elles têm, assim, a sua clientela ao corrente das occasiões multiplas que se succedem diariamente nas suas diversas secções. As companhias de fumos as sociedades de automoveis e todas as emprezas industriaes e commerciaes, sem nenhuma excepção, fazem cada dia, grandes annuncios nos quotidianos. Um dos mais poderosos industriaes dos Estados Unidos dizia-me:

"— Todas as nossas empresas, quasquer que ellas sejam, fazem publicidade. E' graças a ellas que obtemos o desenvolvimento das nossas industrias e do nosso commercio. A prodigiosa prosperidade que o sr. pode observar aqui é, em muito grande parte, obra della. Para lançar um negocio, eis o nosso segredo: Primeiro, estabelecemos solidamente os alicerces da empresa.

" — Os alicerces ?

" — Sim. Designo assim a organização do trabalho nas fabricas, a montagem racional das officinas que nos permittam produzir a mercadoria em boas condições. Desde que estamos habilitados a "deliver the good-" (fazer a entrega da mercadoria), o problema do credito acha-se resolvido. Criamos, a seguir, o nosso serviço commercial e financeiro. A partir desse momento, é ao serviço de publicidade que incumbe pôr em marcha todo o negocio. A publicidade, para nós, não é um sacrificio: é uma coisa que deve render e que é compensada immediatamente, si fôr bem feita. As pequenas revistas, os cartazes são meios (?) que as agencias já não ousam propôr-nos, porque são lucrativos para ellas, mas ruinosos para nós. Não dispersamos inutilmente o nosso esforço. Fazemos os nossos annuncios antes de mais nada nos grandes quotidianos e de-

pois nas revistas semanaes importantes. Feita nessas condições, não imagina os effeitos duma publicidade repetida...

" — Imagino-os perfeitamente, pode crer. Mas permitta-me observar-lhe que tambem se vêem aqui cartazes e publicidade luminosa.

"— Perfeitamente. A publicidade luminosa no Broadway ou no centro das cidades é feita para recordar com uma palavra, uma só, o nome dum producto. E' um complemento á publicidade ordinaria dum producto de consumo corrente. Quanto aos cartazes, deve ter notado que são colados em paliçadas especiaes, cuja illuminação electrica assegura uma perfeita visibilidade de dia e de noite. E' sómente em taes condições que um cartaz pode ter algum valor. Desses meios nos servimos, é certo, mas pouco. Creia na minha experiencia de trinta annos: nada existe para nós que venha á publicidade dos grandes quotidianos e a das revistas semanaes de grande tiragem. Só pelo canal dessa imprensa que entra nos lares, nos escriptorios e nas officinas, é que podemos attingir utilmente o consumidor. Para o industrial, a publicidade cria escoadouros, augmenta constantemente os pedidos e permitte assim a amortização rápida do material, a baixa dos preços de fabricação e de venda. Para o commerciante ella accelera a venda das mercadorias que permitte a repartição das despesas geraes sobre um maior numero de objectos vendidos. A publicidade é, tambem, um beneficio para o consumidor."

"Durante o mez que passei na America do Norte, pude a cada dia, verificar que a opinião do meu interlocutor era partilhada por todos os grandes chefes da industria e os businessmen mais peritos. Quando visitei o "Nova York Times", o eminente director, sr. Ochs, que começou a sua carreira na mais pequena imprensa de provincia e que dirige agora o maior jornal do seu paiz, fez-me as honras do seu admiravel building. Depois de ter saudado o dr. Finley, chefe da redacção, dirigi-me, em companhia do sr. Wiley, director dos serviços, á repartição da publicidade. Na parede, deante de uma grande mesa onde se reune todos os chefes da publicidade do jornal, estavam pendurados uma imprensa lousa e um grafico. No quadro negro, os algarismos, em dia, indicavam o numero de linhas de publicidade insertas na propria manhã pelo jornal em cada uma das suas diversas secções; em frente o numero de linhas correspondentes ás mesmas secções publicadas naquelle mesmo dia nos quatro mais importantes jornaes de Nova York. Li o nome das secções: annuncios geraes, reclamos, mundanidades, finanças, etc., etc. igrejas.

"— Igrejas ?

"— As igrejas, meu caro senhor, fazem muita publicidade nos jornaes, para annunciar as horas dos officios, a celebração de certas solemnidades, etc. Certas seitas fazem igualmente inserir artigos pagos em favor da sua doutrina especial...

"Ao lado da lousa, sobre uma grande folha branca, uma linha vermelha quebrada eleva-se de cada vez mais alto. Eis o grafico das linhas de publicidade insertas no discurso de cada anno no "Nova York Times". Destacam-se os algarismos: 1896: 2 milhões de linhas: 1914: 10 milhões: 1919: 24 milhões; 1927: 30 milhões de linhas... E' a ascensão da publicidade".

EXHORTAÇÃO

SEM duvida, está admirada, minha senhora, de receber minha visita — uma visita tão matinal. Tranquillize-se. Não venho fazer-lhe nenhuma scena. De certo, não é uso, entre nós, a mulher legitima fazer-se annunciar assim em casa da amante de seu marido. Porque estou aqui? Vae saber.

"Ha dois annos, a senhora tomou-me Jorge; não negue, seria inutil, pois estou informada. Isso começou em Biarritz, nas ferias atrazadas. A principio, pensei que não passasse de *flirt*, mas tive que me render á evidencia.

Jorge não é nem muito velhaco, nem muito esperto, antes ingenuo hein? Os pretextos apresentados para ir ao seu encontro não me enganaram por muito tempo. E' a sua primeira traição. Antes de têl-a encontrado, éramos felizes. Para collocar a minha bolsa sobre a mesa?" Daqui a [illegible], depois de nessa explicação. Prefiro têl-a á mão. Como tem medo!...

"Sou, desgraçadamente, duma familia em que ninguém gosta de se fazer falada. De minha parte, só me resolveria pelo extremo, por exemplo si julgasse os meus em perigo de vida. As mulheres, entre nós, quando são infelizes, resignam-se e rezam. Fazer excepção a essa regra, me desgostaria francamente. Puxe as cobertas; a senhora está livida. Esse brusco despertar de manhã cêdo, essa roupa leve da noite... o frio faz-lhe bater os dentes... Eu, mesmo quando soffro muito, sou razoavel, chego a me dominar. E', em summa, tão banal, o que me acontece! Ser enganada, nada de excepcional. Fechei-lhes a porta, eis tudo, e a senhora não tentou forçál-a. Então!... Restava-me o filho.

"Um garoto de seis annos, isso não consola absolutamente, é claro, uma mulher ainda joven e que se lembra que foi amada. Auxilia-a, no entanto, a carregar com o seu desgosto dignamente. Aliás, para que escondêl-o? Nunca deixei de esperar que meu marido voltasse mais tarde. Emquanto espero, educo Jacques, educo-o num lar calmo, onde não se percebe nenhuma desharmonia. Sei calar-me. As creanças adivinham tanta coisa!... Sobretudo Jacques!... Não creio que Jorge lhe tenha falado do filho? Não se orgulha muito delle, porque elle é um tanto fraquinho, mas o adora e o pobresinho corresponde bem! Tem por esse papá, que vê muito pouco, uma predilecção singular. E' um garoto delicado, mal curado duma coxalgia. Os remedios que eu não consigo fazêl-o tomar, basta, para que os engula, que Jorge lh'os apresente. Era a mão do pae que elle apertava na sua minuscula mãozinha crispada, quando lhe collocaram o apparelho; eram os olhos do pae o que procurava o seu olhar triste. Só está satisfeito quando se enrodilha no collo do pae como um gatarrão que rosna. O pae diverte-o, fál-o rir. Elle é a sobremesa, eu o regime. E' natural; estou sempre em casa. E depois, meu rosto sem alegria, minha falta de vivacidade, as reprimendas que tenho a fazer de vez em quando... As mães têm um papel ingrato.

De Huguette Garnier

"Onde quero chegar? Ao seguinte: ha tres semanas, a senhora poz Jorge porta fóra. Desde então, elle se recusa a recebêl-o. Elle erra como uma alma penada, desesperado. Injusto e tristonho, domina-se mal, a ponto de ralhar com a creança, que se espanta e se desespera. Hontem, inquieta com o silencio que reinava no seu escriptorio, ou mesmo não sei por que instincto, entrei nos aposentos do meu marido. A proposito! De pé, deante do espelho, elle apoiava um revolver na tempora. Desarmei-o. Como lhe falei sem colera, elle confessou soluçando, em lagrimas... Um fraco... um pobre homem... O que a senhora fez delle!... Fiquei assim sabendo o segredo de sua desgraça e porque queria morrer.

"Não! A senhora roubou Jorge, e mesmo que elle não lhe agrade mais, a senhora o conservará — ao menos até que elle não se sinta mais preso á sua pessôa. Precipite essa hora, é o seu dever. Mas daqui até lá... Seria realmente muito commodo lançar fóra um homem, sem cogitar das repercussões possiveis, simplesmente porque está farta de vêl-o ou por estar tentada por outras distracções. Não procurava s i n ã o uma aventura, fez brotar uma paixão, concordo que é lastimavel. Uma ligação é sempre mais facil de amanar que desamanar.

"Exponho-lhe os factos nitidamente, positivamente, sem me perder pelo terreno sentimental — num outro plano. O que a senhora me fez, não lh'o reprovaria, siquer. Si só se tratasse de mim!... Mas a questão é meu filho.

"Escute-me: si Jorge se mata, o menino, temo-o, não sobreviverá muito tempo. Parece já, de umas semanas para cá, como seu pae, abatido. Mas não é tudo; admittamos que se console. Jorge g a n h a a nossa vida. Que faria eu, si elle desapparecesse? Minha fortuna! Foi — não póde ignoral-o — bem seriamente abalada, esses ultimos tempos. Nossa renda é insufficiente. Abandonada, a uzina periclita. A não ser Jorge ninguem póde restabelecer a situação. E' preciso, pois, que elle tenha sempre o espirito lucido.

"Si elle, não me é possivel garantir ao pequeno os cuidados necessarios. Viriam a falta de commodidade, as privações, o abandono, para uma casa de aluguel, do ninho macio no qual é c r e a d o, ao qual está acostumado. Comprehende? Prometti então ao meu marido que a senhora o receberia. Convenci-o de que elle exaggerava esse arrufo, que se tratava entre vocês apenas dum mal entendido, dum pouco de fairice ou de teimosia, de sua parte. Consegui serenál-o. Tornei-me a porta-voz de sua honestidade, a garantia de seu amôr. Sim!... O cumulo, não é? Assim tivesse eu a alegria de vêl-o voltar á vida. Elle dizia: "Crês?... Crês?..." cada

(Cont. na pag. seguinte)

EXHORTAÇÃO

(CONCLUSÃO)

vez com mais esperança. Esquecia completamente, naquelle minuto, quem estava perto delle. Eu só existia por que me referia á senhora. Quando elle se lembrou de que falava deante da mulher, quiz beijar minhas mãos; retirei-as, como por acaso, depressa. Elle nem siquer se apercebeu disso. Que a senhora me julgue condescendente, interessada, isso tem, para mim, confesso o, pouco interesse. Sua opinião!... Dizem-n'a leviana, capridiosa, fantasiosa, mas sem maldade. Provei-o a mim. Jorge virá. Recebi-o e não o tire do engano. A senhora deve-me bem isso. Sinão?... Sinão, guarde bem minhas palavras, sinão o escandalo que receio por atavismo, por temperamento, não me assustará mais, quando eu sentir tudo perdido. Eu atiro bem; si por sua causa acontecer uma desgraça a meu marido, não lhe perdoarei. Porta com elle, por alguns dias, tranquilize-o, ainda mesmo que seja preciso renunciar a outros projectos... mais seductores. Leve-o gentilmente e sem soffrimento para o rompimento, que a sua dôr será supportavel. Não seja brusca. Abandonar alguem não é, no emtanto, difficil! E' questão de se applicar!...

"Levo a sua palavra? Bom. Já que estamos de accôrdo, vou-me embora. Jorge não tardará. Está tão impaciente!...

"Pois bem... Que? Que tem? E' ridiculo essa especie de crise de nervos, esse enternecimento... Por acaso, chorei deante da senhora? Não sabia?... Não se apercebia?... Pedir-me perdão?... Ah! não! Evite a comedia. Piedade? Obrigada. A senhora precisa mais do que eu. Supportar d'ora avante, sem amôr aquelle de quem se roubou o amôr não é pouca coisa tambem. Basta. Enxugue suas lagrimas, que elle vae chegar..."

Seara alheia

Confissões

Minha vida toda é um tecido de contrastes apparentes com os meus principios. Detesto os principios e estou ao lado de um delles: escrevo maximas republicanas e muitos dos meus amigos são monarchistas; amo a pobreza voluntaria e convivo com pessoas ricas; odeio as honrarias e no emtanto ellas chegam até mim; a literatura é minha consolação unica e não convivo com intellectuaes nem frequento a Academia; penso que o homem precisa de illusões e não as tenho; creio nas paixões mais uteis que a razão e não sei o que é a paixão... — CHAMFORT.

Heroes

Não chamo heroes aos que triumpharam pelo pensamento e sim aos que foram grandes pelo coração. Como disse um dos maiores entre elles (Beethoven) não reconheço outro signo de excelsitude fóra da bondade.

A vida dos que foram verdadeiramente grandes quasi sempre foi um verdadeiro martyrio. Seja porque um destino tragico quizesse forjar suas almas no cadinho da dor physica e moral, da enfermidade e da miseria ou porque assolasse suas vidas e desgarrasse seus corações o espectaculo dos soffrimentos e das vergonhas sem nome que torturavam seus semelhantes, o que é certo é que comeram o pão quotidiano da provação e foram grandes pela dor, porque o foram tambem pela desgraça. — ROMAIN ROLLAND.

Jardim hollandez

Choveu muito. A tarde está escura e a terra muito molhada. Céo hollandez, côr de cidra, em que ás vezes um indeciso resplandor de estanho é um raio de sol, logo turvado pela neve preguiçosa peneirada entre as aspas de um moinho de vento. A agua sombria dorme nos canaes.

Nos jardins, os matizes violentos das flores loucas juntam-se, rente ao solo, de modo, porem, tão confuso que não agrada ao olhar... — XENIUS.

Pensamentos

Honra no Universo a força maior: a que dispõe de tudo e tudo governa. Honra tambem dentro de tua pessoa a força maior: esta é da mesma natureza daquella. E' a que dispõe de tudo que possues e que dirige tua vida.

•

O que não é util para a colmeia não o é tambem para a abelha.

•

Interessa-te somente pelos acontecimentos que estão ligados ao teu destino. — MARCO AURELIO.

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Os admiradores de Maria Stuart eram attrahidos por sua formosa cutis

Com um desejo de mandar, que só era superado pelo desejo de amar, Maria Stuart, rainha da Escócia, inspirava paixões, que trouxeram morte violenta a muitos admiradores. "A sua pelle era alva—tão limpida e tão transparente—que quando bebia uma taça de vinho, podia-se ver o rubro liquido passando pela sua esbelta garganta

A sua pelle tambem fascinará quando a Senhora usar estes preparados

Uma pelle que despertava a inveja feminina e fazia bater o coração dos homens!

Que infinidade de horas não dedicavam as bellezas de antanho a realçar os encantos que a natureza lhes havia concedido!

No emtanto, a cutis que, hoje em dia, os homens mais admiram, é facilmente obtida—com os preparados Dagelle.

Em primeiro lugar, o Creme Evanescente de Dagelle empresta á face uma apparencia opalina e a prepara para o pó de arroz e a maquillage—ao mesmo tempo que a protege contra o vento, a chuva e o pó. A' noite, o Creme Perfeito de Dagelle limpa, suaviza e rejuvenesce, aformoseando o rosto durante o somno. Da manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, fecha os poros e dá firmeza aos tecidos faciaes que estiverem flácidos, proporcionando-lhes contorno e belleza. Não hesite mais tempo—envie o coupon hoje mesmo para receber o Estojo Especial de Belleza, que contem estes excellentes preparados.

DAGELLE

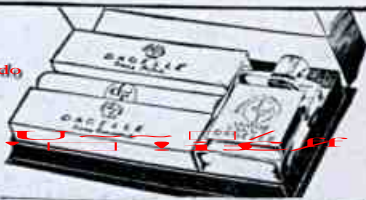
Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

¶ Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os três admiráveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 10$ em carta com valor declarado

Nome ....

Rua e No. ....

Cidade .... Estado .... (E. P. - 6)

ATKINSON

É a perfumaria da alta sociedade

ROYAL BRIAR

A serie de ouro das pessôas elegantes

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Pó de Arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR PERFUME

A' VENDA EM TODO O BRASIL

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 33

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1932

Os filhos que não têm mãe...

primeira palavra que eu aprendi na vida, quando comecei a falar, foi a palavra mágica e sonora de todos os lábios pequeninos: *Mamã*... Nascido no sertão agréste, longe do mundo civilizado, ninguem me ensinou a pronunciar as quatro letras do vocábulo glorioso. Ninguem me ensinou a dizer, agitando os frágeis braços infantis, o grande poema luminoso que se encerra nessas duas syllabas feitas de ternura e de amor. *Mamã*... A minha propria ingenuidade não podia definir a expressão e o encanto da palavra banal que está na bôcca afflicta de todos os que só acreditam e confiam na protecção materna.

E foi assim, chorando ou sorrindo nas horas tranquillas em que eu ainda não sabia pensar nem soffrer, que a minha voz apagada entrou no concerto da harmonia universal.

Depois, lentamente, na escola da vida e nas lições do destino, aprendi outras palavras. O verbo *querer*, na pronuncia risonha de todas as crianças, o vocativo *papá* e o imperativo *me dá* encheram o repertorio pittoresco do meu escasso vocabulário infantil. Decorei exclamações que, ás vezes, difficilmente, conseguia declamar.

Entretanto, no tumulto da minha incipiente linguagem, o que mais eu repetia era o appêllo instinctivo e humano da minha insignificante personalidade: *Mamã*... A quem dirigir as queixas ou as alegrias em que fluctuava aquelle começo de existencia, sinão á doce autora dos meus dias? Quem, melhor do que ella, poderia comprehender o meu pobre idioma? Em cada maneira imperceptivelmente diversa com que eu recitava a palavra fulgurante, ella sabia descobrir, sabia traduzir um desejo, um lamento, um elogio, uma reprovação, uma inquietude ou uma esperança da minha ingenua sensibilidade. Tudo minha mãe comprehendia: os meus anseios e as minhas mágoas precoces. Bastava que eu lhe dissesse: *Mamã*...

Durante toda a meninice e parte da adolescencia do sonhador que eu sempre fui, tive perto de mim, defendendo-me, guiando-me os passos incertos, envolvendo-me na sua ternura infinita, os desvêlos e o carinho da protectora do meu destino.

— *Mamã!* — falava eu, confiante e amoroso.

E ella me respondia, enlevada e feliz:

— Meu filho!...

* * *

Hoje, que já sei pensar e soffrer, e conheço a vida, e conheço o amor, ainda posso dizer *Mamã* nas cartas intimas em que abro o meu coração e a minha alma desolada áquella suave creatura que me ensinou a ser bom e a ser justo no meio da maldade e da injustiça dos homens. Ainda posso invocar, nas horas de angustia e de dôr, nas horas de melancolia e desengano, a protecção e o consolo maternaes que nunca me faltaram mesmo da distancia.

* * *

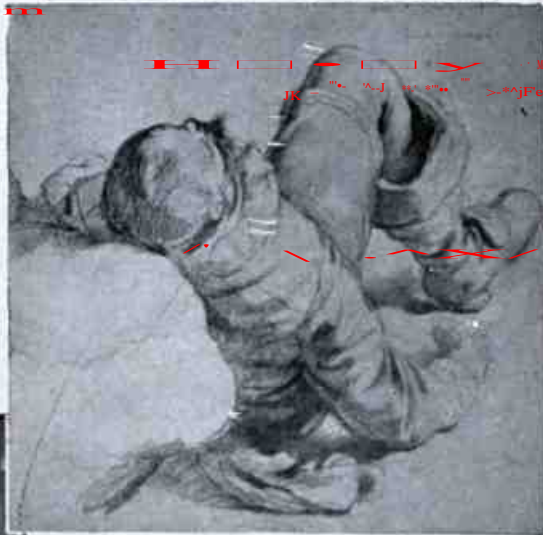
Acabo de visitar a Casa dos Expostos. A casa dos filhos que não têm mãe... Pobresinhos! Nasceram sem o carinho de quem lhes deu o ser. E só possúem, na sua orphandade forçada, no seu amargo e doloroso abandono, o carinho das religiosas que extendem sobre os pequeninos leitos a doçura do consolo divino e a protecção abnegada e generosa dos seus desvêlos fraternaes. Não pódem dizer *Mamã*, porque ninguem os ouvirá, porque, perto delles, ninguem saberá traduzir as mil significações dessa palavra luminosa. As enfermeiras e as irmãs comprehenderão, apenas, a angustia do appêllo inútil. Mas não conseguirão devassar-lhes os anseios com essa penetração do instincto materno. E elles, coitadinhos!, continuarão na orphandade, amparados materialmente, embalados na rêde da illusão, mas chorando, chorando sempre, chorando indefinidamente um amor que nunca tiveram, porque nasceram sem mãe...

Martins Capistrano

O centenario de um grande pintor

O centenario de Victor Meirelles, o grande artista patricio, vae ser commemorado, de maneira condigna, no proximo dia 18. Nesta capital, entre muitas outras homenagens que serão prestadas ao glorioso fixador do scenario historico nacional, destaca-se a iniciativa da Asociação dos Artistas Brasileiros organizando, na Escola Nacional de Bellas Artes, uma exposição retrospectiva das grandes telas do admiravel pintor de «Batalha dos Guararapes», «Passagem de Humaytá», «Batalha Naval do Riachuelo», «Primeira Missa no Brasil», «Juramento da Princeza Regente», «Moema» e muitos outros trabalhos, inclusive varios esbocetos e estudos.

Como mestre de arte, Victor Meirelles exerceu acção das mais fecundas nos circulos artisticos brasileiros. Foi um animador e um orientador da pintura nacional. Nascido em Santa Catharina, a 18 de agosto de 1832, Victor Meirelles veiu a fallecer nesta capital, em fevereiro de 1903. Sua producção foi das mais intensas, principalmente no seu periodo aureo, que abrange os annos de 1861 a 1879. FON-FON, homenageando a memoria do glorioso artista patricio, estampa nesta pagina, ao centro, o seu retrato; ao alto, «Batalha dos Guararapes», uma das suas grandes telas historicas, além de tres estudos bem caracteristicos de sua arte.

SABEDORIA

Quando se ouve uma mulher desfazer no amor e um literato depreciar a consideração publica, póde-se dizer, de uma, que os seus encantos se perdem, e, do outro, que o seu talento acaba. — Diderot.

O homem foi feito para a sociedade, mas o prazer que sentimos na maledicencia, ás vezes contra nossa vontade, mostra que nada é mais feroz e menos sociavel que o coração do homem. — Bossuet.

A MAIS BELLA BRASILEIRA DE PARIS

Este anno, «Miss Brasil 1932», que era eleita no Rio, em respeito a uma praxe recente, foi escolhida em Paris, por um jury composto de jornalistas brasileiros ali acreditados. E' que a mais bella filha de nossa patria não poude ser eleita nesta capital. A escolha da mais linda brasileira, residente em Paris, recahiu na senhorita Yeda Telles de Menezes, que vae, com tão bello titulo, tomar parte no Concurso Internacional de Belleza, a realizar-se em Spa. A senhorita Yeda apparece nesta pagina em varias «poses»; sozinha, entre os jornalistas brasileiros de Paris e ao lado do sr. Maurice De Waleffe, presidente do jury e organizador do certamen.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

DA MINHA SAUDADE

TOSTES MALTA

Si, acaso, um dia, suavemente,
num instante de calma
e de reflexão,
nós dois nos encontrarmos, novamente,
deixa que tua alma descanse na minha alma
e tua mão se aqueça em minha mão...

Porque, em verdade,
não ha razão para nenhum rancor,
e, muitas vezes, a saudade
ainda é melhor que o amor...

Que não me evite, pois, de maneira
alguma,
teu olhar.
— A saudade, minha amiga,
é como aquella nossa roseira
antiga,
que, não tendo mais rosas para dar,
amanheceu coberta de cantiga,
e, de cantiga, ainda perfuma
o ar...

PAULO WERNECK

EXPERIENCIAS

AQUI, nesta sala ampla de redacção, onde a lampada arde, eu assisto ao desfile dos companheiros que se vão.

Não são muitos os que trabalham nesta casa. Mas os poucos que vão sahindo estão contentes, como si tirassem a sorte grande ou alcançassem a felicidade que perseguem no seu vôo fugitivo.

Riem. Contam anecdotas. Pilheriam. E, depois, lá se vão...

• • •

Eu fico só.

Alguem quer saber o motivo por que não acompanho os companheiros.

São seis da tarde.

A resposta que dou a essa pessôa curiosa é muito simples:

— Não tenho para onde ir.

— Não vaes ao cinema?

— O cinema não me interessa, senão quando interessa a alguem que me preoccupa a attenção.

— Não vaes ás casas de chá?

— Perturba-me o rumor da vida chic.

— E' esquisito!

— E' natural — disse eu.

E expliquei:

— Sou desses homens que vivem demais pelo cerebro. Conheço bem a vida e os homens. Della tenho a maior experiencia. Não cultivo mais illusões. Sem querer, e pelo habito de observar individuos, eu vejo dentro das almas, e tudo o que ellas espelham.

— E' um merito.

— Não. Seria um predicado, um dom apreciavel, si não fosse de tão más consequencias para quem possue essa qualidade.

Pausa.

O meu interlocutor insinúa:

— Ha nisso um paradoxo, meu caro.

— Paradoxo? Eu lhe mostro como não é paradoxo, nem figura de rhetorica. Ouça. Um homem que é dono de tão fina acuidade soffre mais do que os outros. Pelo menos, soffre mais do que os imbecis, os homens de visão estreita. Estes se contentam com o que vêem e todos vêem. Os homens como eu vêem mais além. De modo que não se illudem, não se enganam e, por mais que desejem, escondem a verdade aos proprios olhos, estão vendo tudo com nitidez e clareza. Não é triste?

— Mallarmé disse que isto era "voir autrement que les autres". Póde, portanto, errar com mais frequencia.

— Neste caso, o erro de visão nos faz soffrer igualmente... Porque somos injustos e nos illudimos sem querer.

O meu amigo disse:

— Até logo.

E eu comecei a escrever esta chroniqueta.

Yves

Irene Wilder Vernaci, que, com sua consummada arte «del bel canto», já deliciou alguns privilegiados salões musicaes do Rio, onde é conhecida, admirada e querida, acaba de reapparecer em Porto Alegre, tendo alli realizado, recentemente, grande e concorrido concerto, cujo magnifico e variado programma fala por si das altas e raras qualidades vocalisticas da famosa cantora. Brevemente, o publico do Rio, amante da bôa musica, terá a ventura de novamente ouvir e applaudir a fina artista do «Lied», que promette nos visitar, possivelmente realizando alguns recitaes que constituirão certamente o «clou» da temporada musical deste anno, tendo em vista não só a qualidade, o timbre, a escola da eximia cantora, mas tambem a perfeição de estylo, o temperamento emotivo e requintado e o repertorio maravilhoso de Irene Wilder Vernaci.

Estrada de Damasco

MINHA SUAVE ILLUSÃO

Disseste, um dia, que te amava profundamente, sinceramente, como não se ama duas vezes na vida. Porque o meu amor por ti era um amor feito de toda minha alma, de todo meu coração, de todo meu sangue. E suas raizes hauriram a seiva que o alimentava nos veios mais profundos e mysteriosos de meu coração. Lá onde a vida se confunde com a morte, a luz com a sombra, a alegria com a dor, a esperança com o desespero, o sorriso com a lagrima, o principio com o fim... Lá, onde tudo é inquietação e imprevisto e onde o proprio tempo empresta, ás vezes, ao minuto, ao momento que passa, força de eternidade...

Porque o meu amor por ti, condicionado pela torrente impetuosa do meu sangue tropical, se fez flor nos rosaes mais perfumados de meu coração para fructificar e amadurecer ao calor do fogo sagrado do meu espirito. E se fez eternidade e tornou-se infinito, no espaço e no tempo, porque, mesmo consumindo o sangue e destruindo o coração se perpetuará na immortalidade da minha propria alma.

Foi assim o meu amor por ti: um amor feito de infinito, marcando todo o rythmo de uma vida estuante de carinho, de sentimento, de affectividade, e que se queria dar e dedicar a outra vida capaz de confundir-se com ella no mesmo beijo e com ella realizar toda a marcha nupcial da sua caricia transbordante.

Tu, porém, não me quizeste comprehender, e trouxeste para o rio profundo da minha vida passional apenas a gotta d'agua cantante e fresca de um simples capricho de mulher.

Mas a pequenina gotta d'agua do teu capricho de mulher fez transvasar o rio tumultuario da minha vida. E se fez rythmo perenne de amor e canção de soffrimento e inquietação dentro de mim.

Gotta d'agua, pequenina e perfida gotta d'agua, porque, pequenina como és, fazes revoltas e sombrias as aguas do rio profundo da minha vida?

— Por que?

— Sim, por que?

— Porque imprimi em teus labios o beijo estonteante da eterna illusão... Porque fiz arder no teu sangue a chamma inquieta da volupia... Porque inflammei toda tua alma no fogo sagrado do amor infinito... Porque realizei em ti o milagre da eternidade de uma illusão, concedendo-te um momento de felicidade...

— Uma felicidade que morreu...

— Não... De que vives ainda...

— Uma felicidade que se fez soffrimento e sangue de dor...

— Porque só o soffrimento realiza a felicidade...

— Como?

— Pela resignação...

— Talvez tenhas razão...

— Mas, este amargo de sangue de dor que trava na minha bocca?...

— O sangue da tua dor?

Escuta: vou dizer-te baixinho: o sangue da tua dor é o vinho eucharistico da tua paz interior...

— Paz?

— Sim: a que terás um dia...

— Um dia?... Quando?...

— Quando tudo em ti se tiver feito eternidade de espirito...

— Ah! Sim... Então...

— Então terás eternizado o teu anseio de felicidade e de infinito amor...

— E tu, que representaste, emfim, na minha vida?

— A tua illusão...

— Minha illusão...

— Sim. A illusão que te confortou e tornou menos dolorosa a tua peregrinação pela vida...

— Minha querida illusão... Minha suave illusão, bemdita sejas...

SAULO

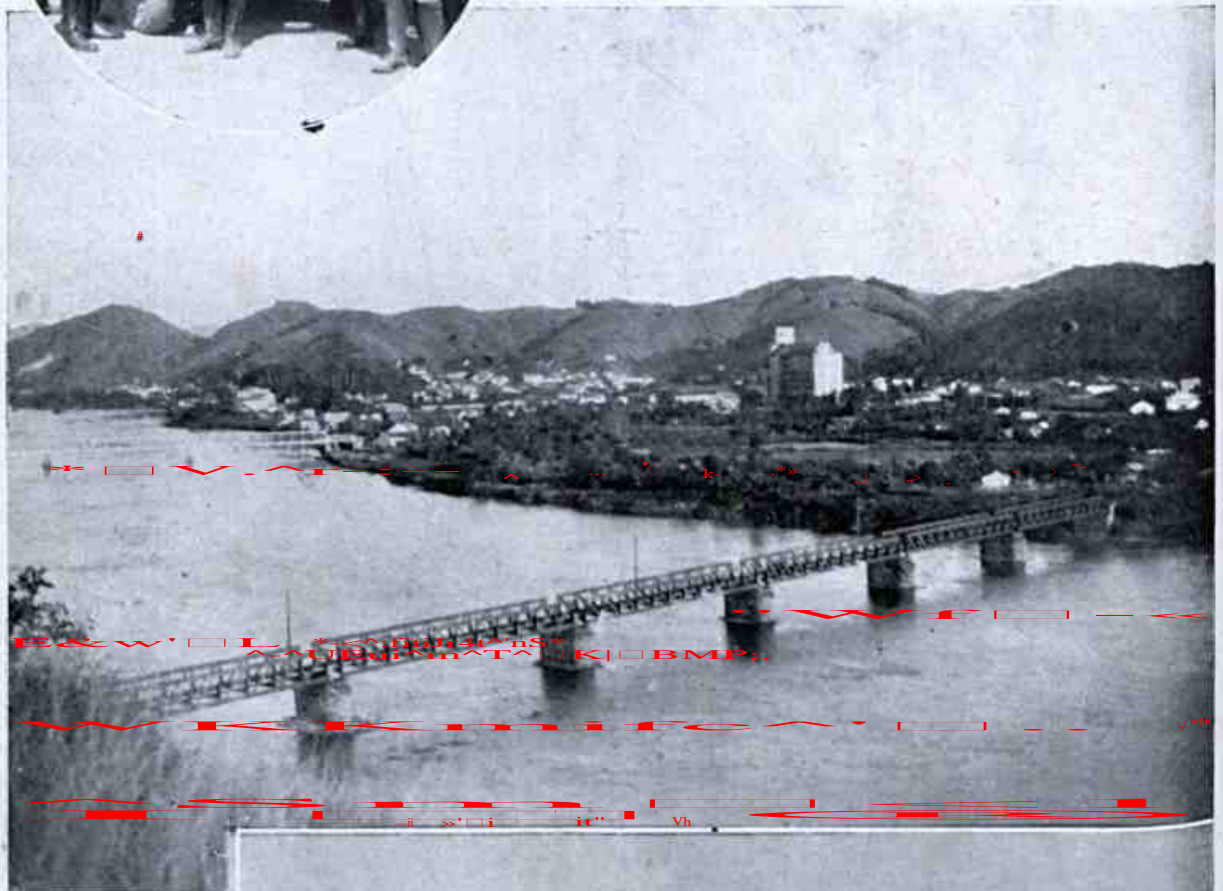
A distinctissima senhora Altair de Almeida Leão, da nossa alta sociedade, que recepcionou as numerosas pessôas de suas relações, no dia 3 do corrente, com uma festa cheia de encantos.

A' esquerda: instantaneo do presidente da Republica Franceza tomado quando s. ex. deixava o edificio da rue Furstenberg, depois de inaugurar a exposição das obras do grande artista Eugene Delacroix, installada no «atelier» do mestre, por iniciativa de seus amigos. A' direita: o Principe de Galles sahindo da capella de Santa Cruz, inaugurada na Abbadia de Westminster, em Londres, em honra dos orphãos e viuvas da Grande Guerra.

O embaixador da França na Belgica, sr. Corbin, acompanhado do ministro das Pensões e do Comité dos Antigos Combatentes Francezes, junto ao monumento do Soldado Desconhecido Belga, onde depositaram flôres logo após a solennidade da abertura do Congresso dos Antigos Combatentes, realizado em junho ultimo, em Bruxellas. (Photographias do Serviço Especial de FON-FON, em Paris).

HORA DE MELANCOLIA

Hora bemdita de melancolia,
de scismares, de mágoa, de tristeza...
Hora de sonho e de poesia,
hora de encanto e de belleza...

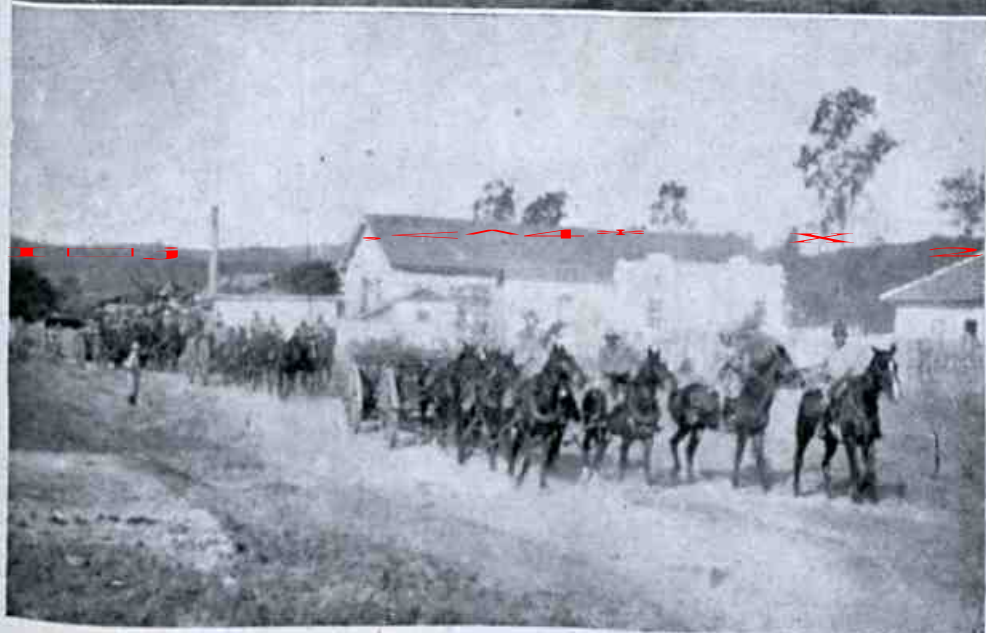
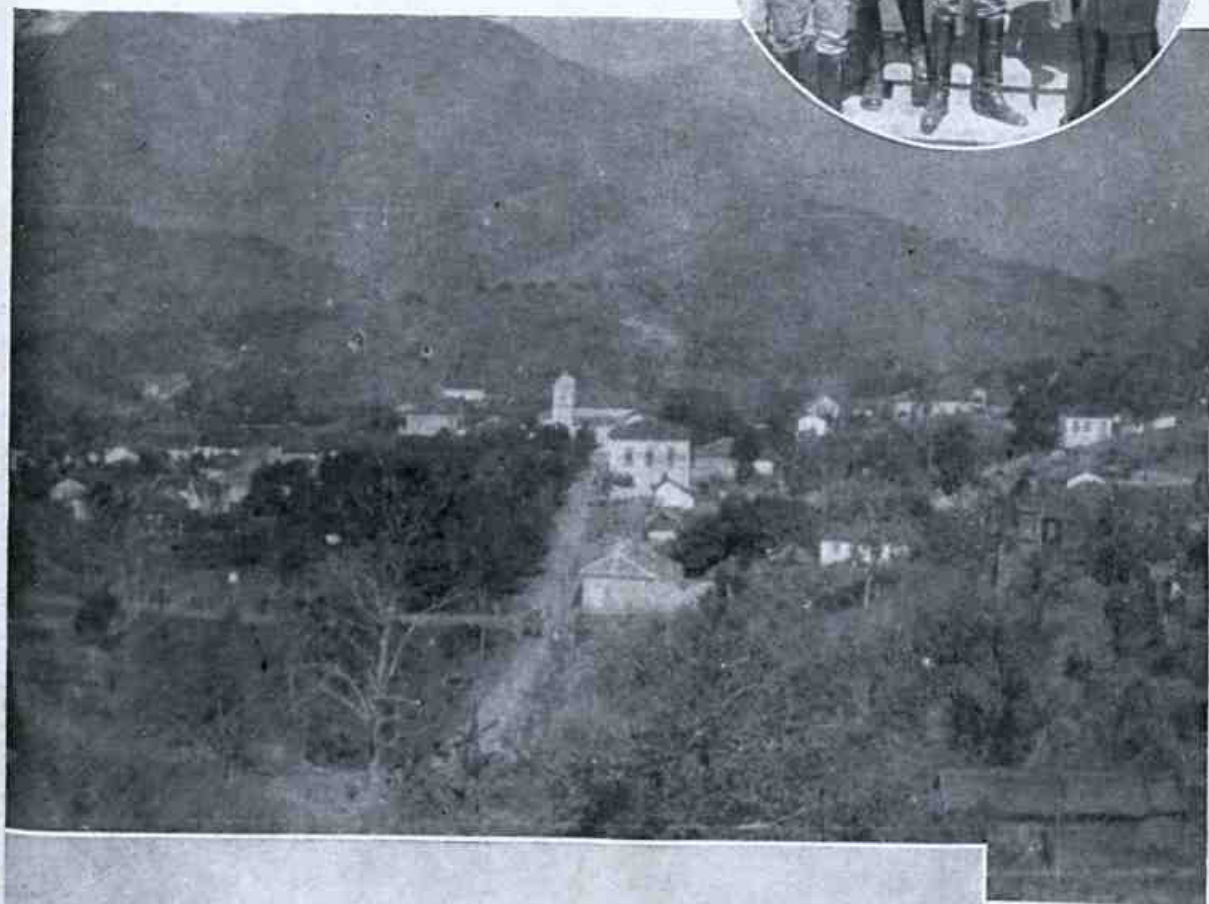
Rolam sonhos pelo ar embalsamado:
a cortina da sombra se descerra:
pairam cantos de luz pelo céo constellado...
e o luar é uma canção chorando sobre a terra...

OS ACONTECIMENTOS DE SÃO PAULO

Ao centro: a cidade de Barra Mansa, que fica situada na zona de operações, e, no medalhão e em baixo, tropas a caminho do «front».

Em cada estrella, ha um trêmulo queixume.
Em cada rosa do jardim,
a suavíssima offerta de um perfume.

Adoro essa hora assim:
toda bondade,
triste, soturna, socegada e mansa:
hora bemdita da saudade
e da esperança...

J. VENTURA MARTINS

(Da "Minha Seára" — no prélo).

Vista da cidade de S. José dos Barreiros, que foi occupada pelas forças do governo provisorio. No medalhão: officiaes do Exercito «posando» para os photographos. Em baixo: o 1.º R. A. M. em marcha para tomar posição.

DA PAZ

A intranquillidade espiritual nada póde produzir de profiquo.

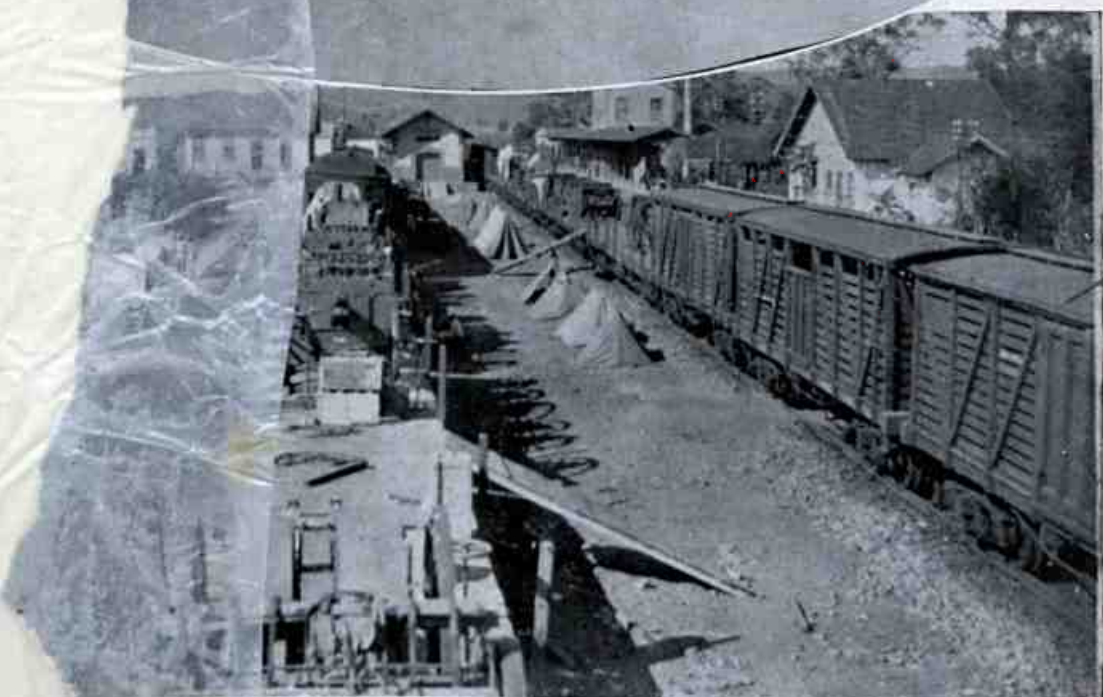
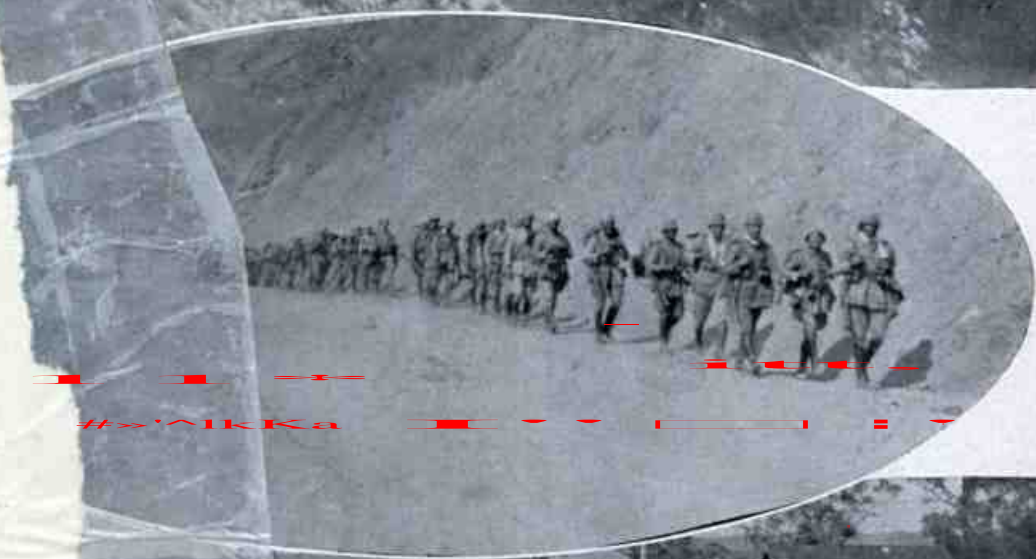
Ha quem pense que a verdadeira paz, para ser bem compreendida, deva estar assentada sobre bases indestructiveis. Mas existirá paz completa? Quanta vez uma physionomia apparentemente serena não esconde uma guerra intima e, portanto, mais perigosa?

Não se póde nutrir esperança na paz, quando se tem a consciência em chammas...

Forças do governo provisorio que occuparam a cidade de São José dos Barreiros, destacando-se, na photographia do alto, alguns officiaes de aviação.

Por ser sublime a paz, é que se não deve, em nome della, abrir caminho á pusillanimidade.

A luta póde ser tambem um prenuncio de paz duradoura. E a mais renhida é a que o homem trava contra o instincto e orgulho proprios.

ALEXANDRE PASSOS

[illegible]mpamento no «front». Um avanço das tropas federaes. Comboios carregados de material bellico, na estação de Volta Redonda.

OS ACC
DE

A illustre declamadora argentina Anita Cáceres, que se encontra, desde alguns dias, nesta capital, e hoje se apresentará ao nosso publico, no theatro Municipal, convidou a imprensa carioca para ouvil-a num recital intimo, que se realizou segunda-feira ultima, no Studio Nicolas. Ali, na tarde humida, a fascinante artista disse lindos versos de Amado Nervo, de Villaespesa, de Antonio Casero e de outros grandes poetas de seu idioma, revelando, em todos elles, qualidades admiraveis de interpretação e de emotividade, que serão devidamente apreciadas no seu recital de hoje.

Olhos enygmáticos

QUANTA coisa secreta dizem esses teus olhos claros! Irrequietos, ás vezes, lembram os mysterios do oceano revolto. Sonhadores, scismarentos, melancolicos, recordam os ocasos tristes...

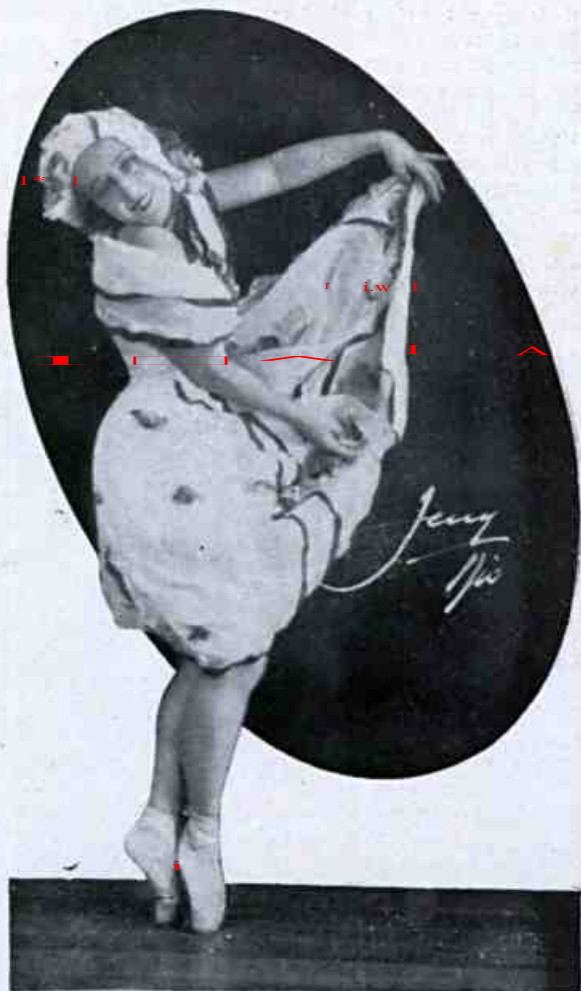
Esses olhos mágicos, de resplendor e tristeza, mixto de neve e de fogo, de amôr e de indifferença, de candura e repulsa, são o symbolo vivo, perfeito e doloroso da vida, com todas as suas emoções e com todas as suas agruras...

Esses olhos transparentes, suggestivos e doces, repellem e attrahem simultaneamente. Fica-se a pensar, ante a mutação irreverente de teus olhos diaphanos, em como é enygmatica a tua alma de mulher. Enygmatica e profundamente voluvel, como as almas de todas as mulheres. A attracção de teus olhos é profunda como o vacuo com seu abysmo, e a meiguice que delles dimana é suave como uma caricia.

Nesses pedacinhos de céo, doces e puros, palpitam grandes desejos e sossobram todas as tentativas. Nesses olhos amoraveis e ternos vive toda uma illusão de amôr. De amôr talvez incomprehendido, de amôr feito saudade, de saudade feita soffrimento.

Quem sabe si na fulguração dos teus olhos, quentes como um desejo ou frios como a neve da velhice, alegres como um bando de pardaes ou dolorosos como as mágoas de Maria Santissima, não perpassa a visão da felicidade que se foi e não canta, triste como um arrulhar de pomba que perdeu o companheiro, a recordação indelevel, a lembrança fagueira da ventura que ruiu! Quem sabe si nesses dois pequeninos mundos, trefegos ou sombrios, não existe o anseio de ser feliz! A alegria que fulge nesses olhos bellos é assim como um sorriso de apresentação: indifferente. A dôr que sombreia essas pupillas azues é communicativa, mas não fére a gente. Si não compartilhamos inteiramente da alegria azul desses olhos phosphoreos, tambem não sentimos a punhalada dos seus soffrimentos disfarçados. Uma e outra surgem, brilham um instante nos globos feiticeiros e immergem, de subito, no segredo imponderavel, inattingivel, na força absoluta do seu querer inamolgavel, sem attingir de todo a nossa sensibilidade.

Toda e qualquer conjectura em torno desses olhos claros fracassa como os sonhos. E rola, e cáe como uma folha outomnal.

GILBERTO VEIGA

A illustre artista e professora viennense Polly Witti, instructora da Phalange Feminina do Club de Regatas do Flamengo, que acaba de organizar um album de exercicios gymnasticos, editado pelo Radio Club do Brasil, onde ella transmitte, ás terças-feiras, quintas e sabbados, interessantes ensinamentos sobre cultura physica, de accôrdo com as sessenta «póses» de seu album.

TREPAÇÕES

O jovem e festejado pianista brasileiro Roberto Tavares, que o nosso publico já teve occasião de applaudir, dará, no proximo dia 17, no theatro Municipal, um novo recital, destinado, sem duvida, ao maior successo. Roberto Tavares é um artista que impressiona pelo caracter pessoal de sua interpretação e pela segurança de sua technica. Por isso mesmo, reina o maior interesse em torno do annunciado concerto de Roberto Tavares.

O elegante casal deve desistir de frequentar o theatro francez, para não se martyrizar nem aborrecer os vizinhos de platéa.

Durante o tempo que as scenas da comedia enchem de vida o palco do Municipal, quando as silhuetas parisienses bailam deante dos nossos olhos, revivendo velhas emoções da arte e da vida, é justamente que o casalsinho se torna irritante na sua ignorancia e pobreza de espirito.

Ella percebe mui ligeiramente o francez, e elle parece ignorar completamente a lingua.

Resulta esta coisa simplesmente doida para um mortal que nada tem com a ignorancia alheia: durante o espectaculo, o casal não cessa um instante de falar, procurando pescar o que dizem os artistas.

Ella é chamada seguidamente para traduzir, isto e mais aquillo. O marido espera, nervoso, a traducção quasi sempre estropiada, tardia, demorada. Emquanto, de olhos muito abertos, a senhora procura decifrar as scenas, o marido não pára um instante de dizer tolices.

E os vizinhos é que ficam impedidos da satisfação de um prazer legitimo, depois de ter pago bom dinheiro por uma poltrona...

Não está certo!

Ninguem tem obrigação de ir ao theatro francez quando só póde comprehender as revistas baratas...

Por que, então, desprezar a bôa piada, ao alcance de todos para ir ao Municipal, massar a paciencia dos outros?...

O distincto casal bem podia praticar a caridade de permittir aos vizinhos de platéa o uso e gozo de um prazer legitimo...

NO posto chic, ou pelo menos assim considerado pelos banhistas de Copacabana, ambos esquecidos do mundo, passam horas segredando historias da carochinha, bem junto ao ouvido um do outro, para que os presentes nada escutem.

Quando elle demora para chegar, ella fica numa afflicção doida.

Inspecciona o horizonte, levanta-se algumas vezes, passeia de um lado para o outro, na areia, agitada, nervosa.

Quando elle chega em primeiro lugar e ella não está, o homemzinho sente-se mal, e, então, cabe-lhe representar o papel de apaixonado que espera pelo bem amado...

Esse martyrio, afinal, podia ser evitado, si ambos combinassem a hora da chegada á praia.

Era mais pratico, pois um não esperaria pelo outro.

Entretanto, parece que essa coisa não é possivel.

O motivo?...

São ambos casados e, naturalmente, precisam primeiro ageitar as coisas lá por casa, para depois se entregar ao sacrificio do banho de mar...

Um digno do outro...

A pintora brasileira Sylvia Meyer, que ha cerca de um anno regressou da Europa, inaugurará brevemente no salão nobre do Palace Hotel, uma exposição de quadros que reúne os melhores trabalhos dessa brilhante artista, conhecida dentro e fóra de seu paiz.

Candido Portinari, que é uma expressão vigorosa da pintura brasileira contemporanea, vae inaugurar na proxima semana, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, uma exposição dos seus ultimos trabalhos — retratos e quadros de composição e natureza morta, — feitos após o seu regresso da Europa, onde o victorioso artista esteve no gozo do premio de viagem da Escola Nacional de Bellas Artes. Não precisamos dizer mais nada a respeito de Candido Portinari. Annunciamos apenas a sua mostra de arte, que será inaugurada no dia 15 do corrente, e estamos certos de que os admiradores do pintor irão vêl-o e homenageal-o como elle merece. Publicamos aqui um dos retratos que figurarão na exposição de Portinari.

LUC DURTAIN NO BRASIL

LUC DURTAIN, o notavel escriptor francez, de renome mundial, tão conhecido e admirado nos circulos intellectuaes brasileiros, é nosso hospede já ha alguns dias. O illustre autor de *Lignes de vie*, *Le captain O. K.* e tantas outras obras de remarque veiu realizar nesta capital algumas conferencias. Recebido pela Academia de Letras, Luc Durtain foi saudado, no Petit Trianon, pelo nosso querido companheiro, dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe desta revista e membro dos mais representativos da illustre companhia.

Reproduzimos, a seguir, um trecho da bella e expressiva oração de Gustavo Barroso:

"Romancista e critico de grande vulto e renome, o sr. Luc Durtain, que ora nos dá a honra de sentar-se numa de nossas poltronas, é, com Duhamel e Romain Rollan, com Jules Romain e Vildrac, entre as personalidades que actualmente norteiam a intelligencia gauleza, uma das mais brilhantes e das mais sympathicas pela clareza do seu estylo inconfundivel, pela grandeza da sua expressão de cultura e pela amplidão dos seus pontos de vista humanos.

Espirito philosophico, original, inquieto, não se prende unicamente á observação da vida nos limites de sua patria gloriosa; mas procura observar e sentir o que se passa no coração de outras terras e de outras gentes. Peregrinando por entre as varias humanidades do planeta, reúne as notas e os documentos que lhe permittem a série magnifica de livros da "Etape nécéssaire" ás "Conquêtes du Monde". A Russia sovietica, paraizo na opinião de uns, inferno na de outros, e que não deve ser mais do que um purgatorio, lhe inspirou o volume cheio de verdade, que é "Moscou et sa foi". O reconcavo do Baltico, perdido nas brumas do Septentrião e nas névoas das misturas ethnicas, fez com que escrevesse as paginas de "Baltique". Dos mysterios do Oriente longinquo e lendario, sahiram os capitulos impressionantes de "Dieux Blancs", "Hommes Jaunes". E os Estados Unidos trepidantes, desmesurados, em que a pletora de sangue e de ouro determina grandes crises sociaes e moraes, se retratam em "Quarantième étage", "Quelques notes de U. S. A.", "Hollywood depassé" e "Captain O. K."

O viajante mostra-se na sua obra, ora como romancista e ora como ensaista, sem que se possa determinar em qual dos generos é mais completo e mais perfeito. O novelista consagrado de "Lignes de vie" e de "La source rouge", o poeta de "Pegase" e "Perspectives", o escriptor theatral de "La maison de sang" e o critico subtil de "L'autre Europe" aborda ás nossas plagas ensoladas movido pelo desejo de conhecer e de estudar a civilisação que nellas floresce enraizada no humus distante já, porém sempre moderno, da latinidade."

Luc Durtain numa photographia gentilmente offerecida a FON-FON.

Por occasião de sua passagem por São Salvador, no recente Cruzeiro Turistico do «Almirante Jaceguay», o nosso brilhante collaborador Berilo Neves realizou, alli, uma interessante conferencia humoristica, a convite da Associação Universitaria Bahiana e em beneficio da Casa do Estudante da Bahia. Após a conferencia, Berilo Neves foi alvo de expressiva homenagem por parte da mocidade estudiosa bahiana, tendo-lhe sido offerecida, por uma commissão de gentis universitarias, linda cesta de flôres. O doutorando Luiz Fraga saudou-o em brilhante discurso. A nossa photographia fixa um aspecto dessa linda festa de intelligencia e de arte.

FON-FON NO CINEMA

Manda Quem Póde

(Disorderly Conduct)

Da FOX

com

Sally Eilers
Spencer Tracy
Ralph Bellamy

O policial tinha em perigo a sua integridade.

O sargento Richard Fay (Spencer Tracy), da Inspectoria de Vehiculos, nutre a esperança de ser promovido e está determinado a ser um policial honesto. Quando recusa acceitar uma gorgeta dos contrabandistas, dão-lhe "accidentalmente" uma sóva, jogando sua motocycleta num fosso.

No hospital, recebe uma cedula de mil dollares de James Crawford (Ralph Morgan), um politico de destaque que auxilia os contrabandistas. Fay devolve o dinheiro, desprezando o conselho de Crawford para ter juizo. Logo depois Fay multa uma moça por excesso de velocidade, mas ella é solta com desculpas do commissario ao saber que é a filha de Crawford, de nome Phyllis (Sally Eilers).

Crawford arranja a transferencia de Fay para um outro destacamento sob o commando de Dan Manning, "O Honesto" (Ralph Bellamy), um capitão orgulhoso da sua integridade. Fay decide fazer todo o dinheiro possivel, honestamente e com outros meios. Elle começa a "tirar" dinheiro de protecção de varios clubs, deixando os respectivos proprietarios na crença de que Manning receba a sua parte. Phyllis, de quem Manning está enamorado, visita o destacamento, sendo insultada por Fay. Manning prende Fay pela sua conducta. Um outro policial toma o seu logar.

Uma vocação perigosa.

Esse policial sabe que o famoso Monarch Club está novamente funccionando e que Fay tem recebido dinheiro. Manning chama Fay para dirigir um "raid" no club.

Phyllis visita o club com alguns amigos, tendo sido conduzida ao primeiro andar por um ladrão vingativo (Cornelius Keefe). Ahi o ladrão assalta Phyllis, mas é mortalmente ferido pelo proprietario (Frank Conroy). O raid começa nesse instante, e Fay, vendo Phyllis num quarto com um homem morto, a prende por homicidio.

Crawford, nervoso pelo desapparecimento de sua filha, chama Manning. Fay diz a Manning que a moça está no xadrez. Crawford e Manning intervêm, tendo Crawford comprado Fay para soltar a moça. Quando volta para casa, Fay é seguido pelo proprietario do club, que deseja vingar-se, pensando que Fay foi o culpado. Fay escapa ás balas, mas o seu pequeno sobrinho (Dickie Moore) é mortalmente ferido.

Fay responsabiliza-se pela morte do rapazinho. Elle dá expansão ás suas emoções, fazendo-o de uma maneira dramatica.

UM ESBOÇO SOBRE A VIDA DE COLLEEN MOORE

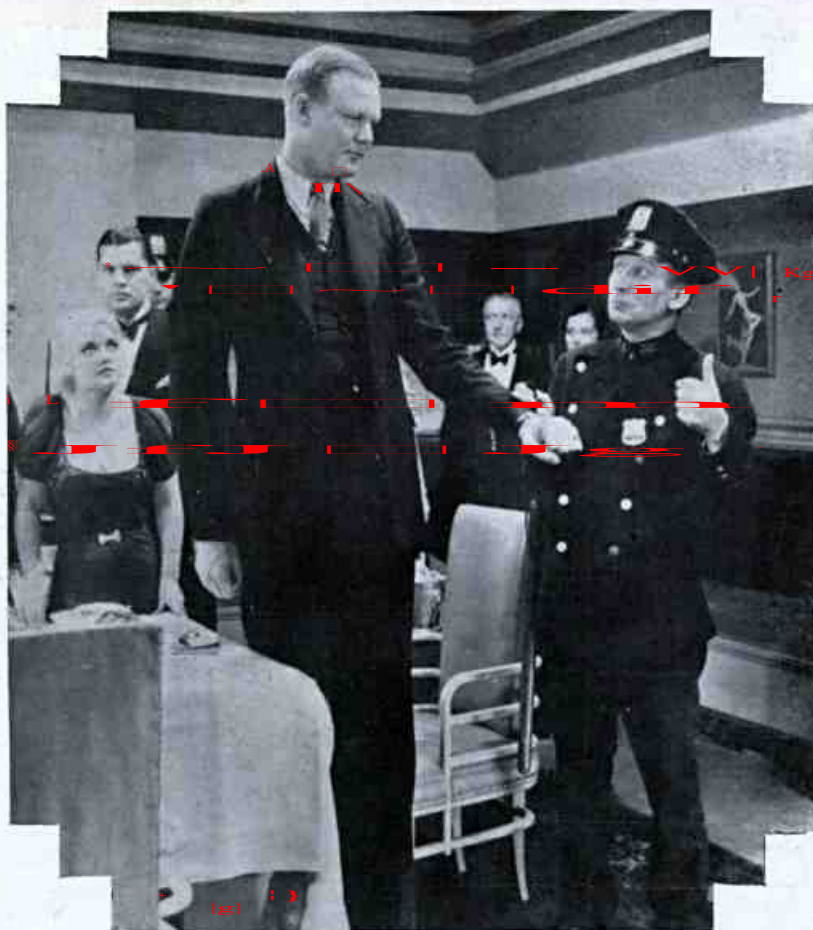
SEU verdadeiro nome é Kathleen Morrison. Festeja seu anniversorio em 19 de agosto. Recentemente, assignou um contracto com a Metro-Goldwyn-Mayer por um longo prazo. Mudou o estylo de seu penteado. E' casada com Albert P. Scott, corrector de titulos da bolsa de Nova-York.

E' infatigavel no seu trabalho. Sua unica ambição é alcançar êxito. Já não é tão acanhada como antigamente. Continúa ainda a receber milhares de cartas dos admiradores e sempre responde a todas.

Suas côres favoritas são todos os tons do verde e do azul. Seu prato favorito é costelleta e sauerkraut. Tambem gosta de espinafre. Tem horror a bucho e lingua. Prefere cerveja a champagne. Sua pedra predilecta é a esmeralda e o perfume é Gardenia de Chanel.

Quando está zangada, costuma bater com os pés. Gosta immensamente de dançar. Não póde supportar as pessôas que mentem. Gosta de ir ao cinema, excepto quando estão exhibindo os seus filmes.

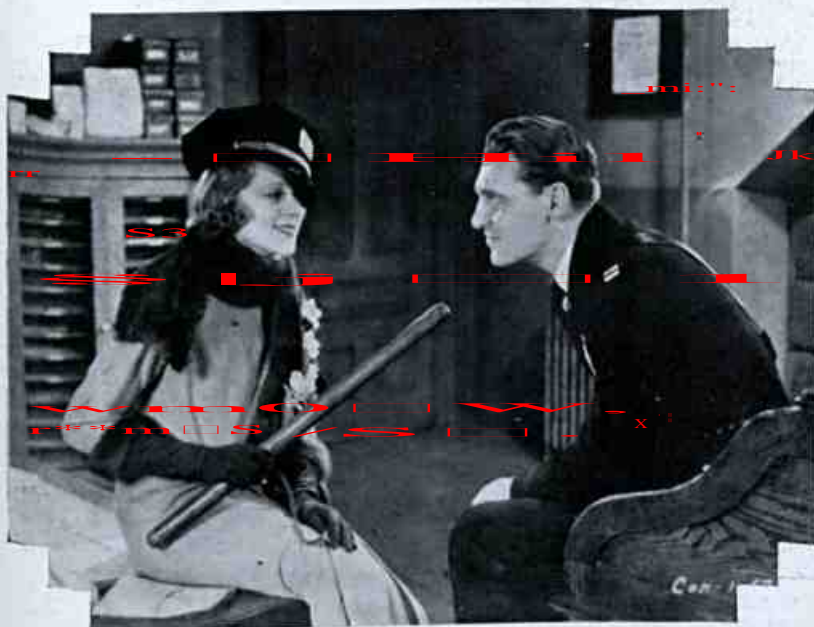
Seu cabello é escuro, naturalmente macio e meio crespo; seu novo estylo de pentear o cabello mudou-a de tal fórma, que até alguns dos seus amigos custam reconhecêl-a á primeira vista. Tem interesse em muita gente e gosta de criar novas amizades. Gosta de divertir os outros e de se divertir tambem. Não se oppõe a que façam publicidade da sua vida privada. Prefere tomar banhos de chuveiro.

Gosta dos cães enormes. Tem um de raça dinamarqueza, chamado "Graf". Não é geniosa e nunca está de máu humor. Está satisfeita por ser de pequena estatura; tem 1.50 de altura. Prefere mais interpretar comedias do que dramas. Tambem tem prazer em ir ao cinema assistir a comedias. Seus sports favoritos são: jogar bridge e dominó e o sporte que pratica ao ar livre é natação. Dorme como uma justa.

Demonstra grande interesse e discute sobre os problemas mundiaes e politicos. Vae ao theatro burlesco uma vez por anno. Tem-se tornado meio "sophisticated", mas não alterou absolutamente sua personalidade.

Seu passatempo predilecto é comprar roupas. Esta é a sua unica extravagancia. Esteve na Europa uma só vez. A maior emoção que sentiu em sua vida foi quando viu pela primeira vez seu nome em grandes cartazes illuminados. Quiz sempre ser artista. O papel que mais gostou de interpretar foi "Salina", em "So Big".

Diz que, quando deixar o cinema para sempre, si algum dia isso acontecer, irá trabalhar como pintora de interiores. Tem uma casa de estylo hespanhol na California e outra de estylo inglez em Nova York.

Tem a mania de guardar todas as fitas em que vêm amarrados os pacotes a ella destinados. Jamais se preoccupa com dietas; a unica coisa que faz é tomar um copo de succo de laranja diariamente.

Manda quem póde.

Fay procurava convencêl-o.

Os athletas do Botafogo Football Club foram, domingo passado, homenageados com um almoço que lhes offereceu a directoria do rubro-negro, por motivo da passagem do 28.º anniversario daquelle prestigioso centro sportivo.

GOTTAS...

Belleza é equilibrio, harmonia, simplicidade.

*

A intelligencia e o amôr são os maiores dons de Deus.

*

Quanto mais intelligente é o homem, mais facilmente reconhece e confessa os limites de sua capacidade intellectual.

*

Quanto menor é o homem, maior se presume.

*

A mulher é, frequentemente, a razão do homem triumphar na vida. Mas tambem é, não poucos vezes, a causa do seu malôgro.

Para que a mulher faça a felicidade do homem, é preciso que ella amadureça moral, physica e emocionalmente. A mulher eternamente creança, frivola e inconsequente, e a mulher boneca, que só vive para si mesma, não farão nunca o homem feliz.

*

Aperfeiçoar-se é um dever. A gente se torna mais perfeita subindo moralmente e eleva-se moralmente vencendo a materia, a carne.

*

A felicidade dos outros implica, quasi sempre, num sacrificio, numa renuncia ou numa transigencia nossa.

Na vida, os vencedores não são os que têem todos os elementos favoraveis, mas os que sabem tirar proveito das circumstancias.

*

Todos nós, seres humanos, possuimos um certo potencial de energia creadora que deve ser utilizado biologica ou intellectualmente.

*

Quando não póde funccionar essa energia por nenhuma dessas duas fôrmas, torna-se necessario procurar-se-lhe um derivativo.

*

Uma das maiores e mais perfeitas alegrias é a alegria de realizar, de crear.

Nós todos sabemos que as nossas horas estão contadas, mas agimos como si fossemos immortaes.

*

Sendo a creatura mais perfeita a que mais ama, é ella tambem a que mais soffre. Soffre em sua carne, em seu espirito e em seu coração. Mas o seu é um soffrimento que fecunda; a sua, uma dôr que illumina.

*

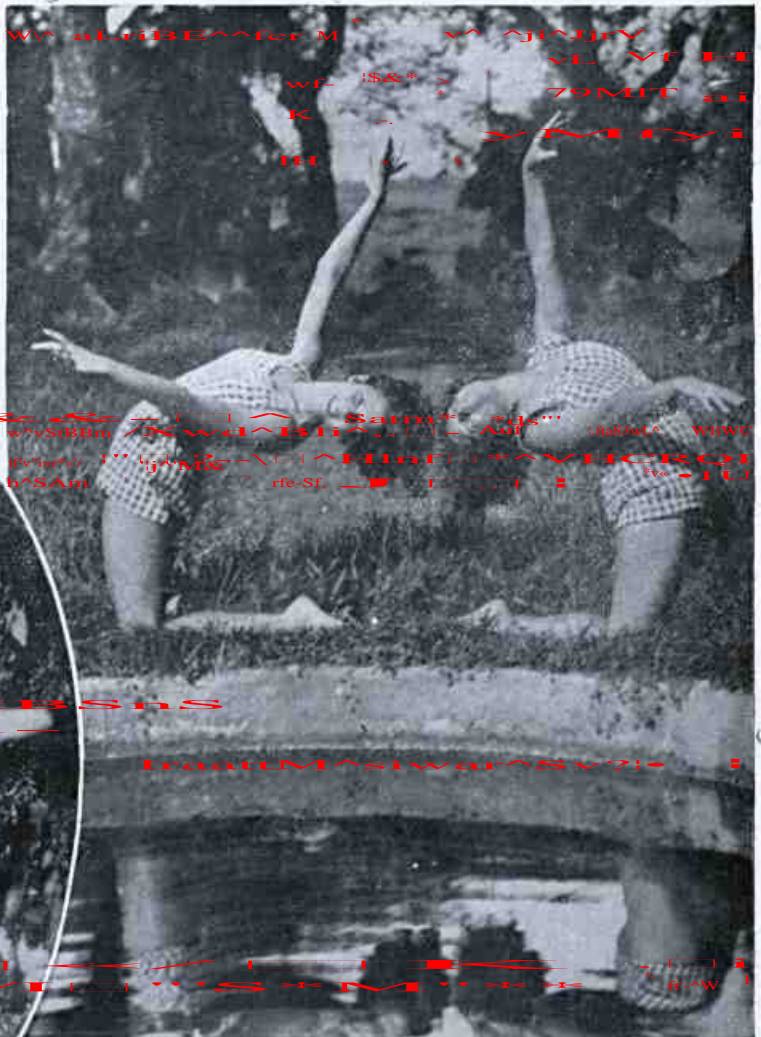
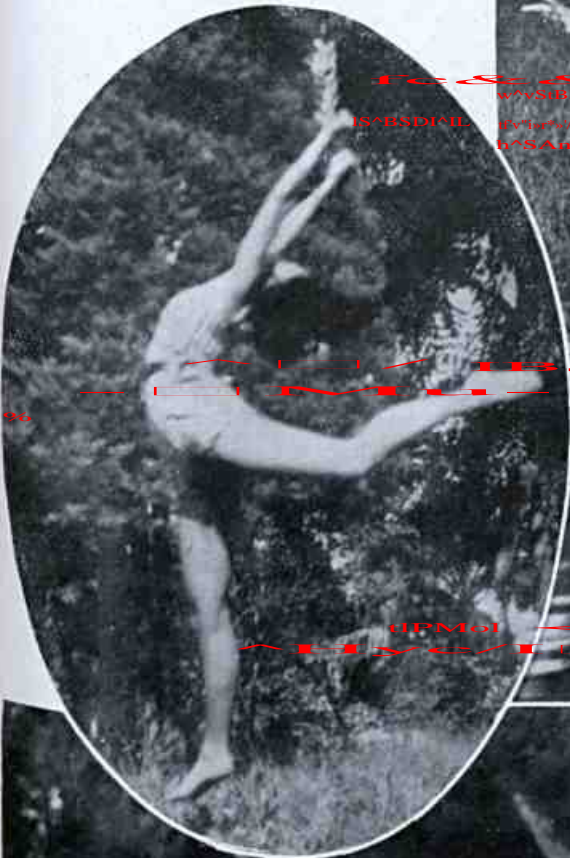
Só possue vida interior quem póde entrar desassombradamente dentro do proprio coração.

*

Não ha dôr, por mais intensa e profunda, que resista ao tempo.

REGINA RIZIERI

A directoria do São Christovão A. C. mandou celebrar, sabbado ultimo, na igreja de S. Francisco de Paula, missa em acção de graças pelo restabelecimento de seu illustre 1.º vice-presidente dr. José Maria Castello Branco, que fôra victima, no mez de maio, de lamentavel desastre de automovel. Teve grande concorrencia, como documenta o nosso «cliché», esse acto religioso.

A professora Sylvia Accioly inaugurou, ha dias, os cursos ao ar livre do Instituto Feminino de Cultura Physica, onde já estão inscriptas varias senhoritas da nossa alta sociedade, que, assim, se vão entregando a salutares exercicios do aperfeiçoamento do corpo e das suas linhas. São flagrantes de algumas das «poses» e dos ensaios realizados no Instituto Feminino de Cultura que estampamos nesta pagina.

Ensemble de Jean Patou. Panama grege. Gros grain marron.

CREAÇÕES JEAN PATOU. Toque de satin gris piqué brillant et mat.

(Photographias da Casa Jean Patou especiaes para FOX-FON).

MARIA LUCIA

Por Sylvio Figueiredo

Maria Lúcia.

O VAGO DESEJO

QUANDO, á noite, o somno começa a annuviar a inquieta cabecinha de Maria Lúcia e a fazêl-a pender sobre o meu hombro, como, a de um anjo que adormecesse, um desejo impreciso assalta-a, e ella me pede, numa vôz dolente e arrastada:

— Papae, eu têlo uma tôsa...

— Que é que você quer, minha filha?

— Uma tôsa...

E não lhe arranco mais. O desejo de Maria Lúcia fica para mim um mysterio. Dormir não é, porque, si lh'o pergunto, ella me significa que — não — com repetidos meneios da cabeça que lhe espanejam o rosto com os cachos bronzeados. E si lhe consulto os olhinhos azúes, estes dizem menos ainda, tão longe se acham já das coisas reaes, no ethereo, no vago, no maravilhoso do sonho...

ANIMAL RARO

Eu não sabia que Maria Lúcia tinha experiencia de gatos. Foi, portanto, com surpreza que ouvi seu pedido, ao partir naquella manhã para o trabalho:

— Papae, quero que você me traga um gatinho. Mas sem unhas, hein?

A INEPCIA PATERNA

Maria Lúcia viu um bilboque e ficou fascinada. Chegando á casa, tomou da caixa de papelão em que vieram os seus sapatinhos, e mais de um barbante e de um côto de galho sêcco e entregou-me todo esse material heterogeno, pedindo-me que com elle fabricasse alli mesmo o brinquedo.

Confesso que poucas vezes, na minha vida tão cheia de árduos problemas a resolver, me vi em face de um caso tão difficil como aquelle. Era impossível, isso é que era, e declarei-o francamente a Maria Lúcia.

E ella, com um lindo desprezo nos seus olhos lindissimos:

— Ah! Também, papae!, você, um homem desse tamanho, não sabe fazer nem um bilboquet para a sua filha!

O «GABOLY»

Maria Lúcia (trez annos) acaba de descobrir uma nova especie zoologica, o «Gaboly» — eis a communicação que aqui faço solennemente ao mundo sábio. Descoberto e por ella mesma baptizado o animalejo, Maria Lúcia falou delle uma hora inteira descrevendo-lhe o physico, os hábitos: «Tem uma bocca grande assim...» — «morde assim: nhác!» — «faz huuúú!» — (e a sua linda boquinha tentava em vão assumir a feiúra necessaria a uma emissão o mais possível parecida com a horrenda vóz do bicho imaginario). E como eu, deliciado, insistisse por detalhes, tomou de um lápis e garatujou no papel um croquis que eu achei informe, porque não tenho a rica, a prodigiosa imaginação de Maria Lúcia. Ella, porém, auxiliou-me:

— Isto aqui é a bôcca...; isto aqui é o olho...; isto aqui é o nariz...

— E as pernas, filhinha? E as pernas? — perguntei, victorioso, ao verificar que ella esquecêra os membros inferiores do bicharôco. Não ha «bicho» sem pernas!

Ella, no emtanto, não desconcertou e, com o lápis em riste, escandindo as palavras:

— Ora, papae! Ellezinho tem pernas, sim, mas não apparecem porque está com ellas cruzadas!

RECURSO MNEMONICO

Maria Lúcia canta, e com a vôz dos anjos. Quando, porém, não se lembra nem da letra, nem da musica, mal aprendidas, de uma cantiga, recorre á minha memória:

— Como é mesmo, papae, aquella cantiga que diz assim: «Não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê»...

E a musica que improvisa para essa letra aggrava ainda mais o meu embaraço. A culpa deve ser da minha memória...

O DODÓE

O dia em que Maria Lúcia corta o dedinho é, em casa, um dia de Juizo. Um dodóe é um acontecimento em que se fala durante dias — até que na delicada epiderme não haja mais sombra de cicatriz.

Consummado o desastre, são os lamentos sentidos, os soluços fundos e o dedinho martyr estu^tado no ar, na exhibição da cata-strophe e um dodóe contemplado por uns olhos azúes horrorizados do sangue, através da cortina espessa das lagrimas.

Depois, é a medicina caseira de occasião: a lavagem do ferimento, um pingo de iodo e um panninho amarrado no dedo, tudo isso observado, commentado, criticado com ais! e «tA doendo!» da victima, cujo cerebrosinho trefego já esqueceu o mal pela curiosidade da cura.

Finalmente, o triumpho. Maria Lúcia passeia orgulhosa aquelle dedinho enfarrapado deante dos olhos de todo o mundo em casa, como um guerreiro que exhibisse a ferida gloriosa. Ri, chalra, tira e repõe o farrapo a todo instante, como si fôsse o annel symbolico da bravura, tudo para metter inveja aos coitados que não têm no dedo a cicatriz admiravel.

E aquelle panninho no dedo dá panno para mangas...

PORQUE AS MUSAS SÃO NOVE — No tempo de Homero já se conheciam as nove musas. Hesiodo foi o primeiro a dar a cada uma um nome proprio e a determinar sua funcção.

Pausanias só admittia tres: Mnemea (a memoria) Meletea (a meditação) e Aedea (o canto), cujo culto os Alvidas estabeleceram na Grecia. Estas tres musas personificavam as tres coisas que constituem o poema.

Cicero dizia que ao principio foram quatro: as tres citadas e Telxioepia. Varrão concorda com Pausanias, admittindo só as tres e refere esta historia curiosa: A cidade de Sición determinou que tres esculptores fizessem outras tantas estatuas das musas para escolher entre todas as que parecessem mais formosas afim de serem collocadas no templo de Apollo. Tendo ficado, porem, igualmente bellas todas as estatuas e não sabendo quaes preferir, tomou uma decisão extraordinaria: adquiriu todas ellas para dedicál-as ao deus, do que resultou depois, ficarem sendo nove as musas.

*

AO COMER SANDWICH... — Lembre-se sempre do seguinte: embora se pretenda que os romanos comiam uma especie de sandwichs, os que comemos actualmente não são uma continuação dos seus. Os sandwichs modernos teem seculo e meio de antiguidade. Conta-se que o conde de Sandwich, da alta nobreza ingleza de Jorge III, para não perder tempo emquanto jogava, mandava levar para a mesa fatias de carne e presunto entre dois pedaços de pão. E, dizem, d'ahi procedem o sandwich e seu nome.

CHROMO

Rompe calma a madrugada,
A fazenda já desperta,
Na porteira semi-aberta
Passam vacas em manada.

Na verde matta orvalhada,
Tristonha, grande e deserta,
Pelas folhas encoberta
Canta alegre a passarada.

Tremula o canavial
Perto do velho curral,
Onde um gallo cocorica.

E lá no limpo terreiro
Lava o rosto o fazendeiro
Inclinado sobre a bica.

FRANKLIN BOTELHO

\#

A CARREIRA DOS DIAMANTES — Ha pouco tempo, no districto de Lichtenburg, Transwal, foi descoberta uma nova zona diamantifera, ainda não explorada e de uma riqueza fabulosa. Por tal motivo poz-se em pratica um estranho habito, escrupulosamente respeitado, e que regula a distribuição das concessões. Os que desejam contar com uma parte da zona descoberta, quer dizer com um *claim*, dispõem-se em linha a varias milhas de distancia da região disputada. A um signal do *attorney* do districto, os candidatos á fortuna deitam a correr e, como é natural as melhores concessões cabem aos que madrugam; aos que chegam primeiro. Nesta marathona para a concessão das terras de Lichtenburg, tomaram parte cerca de 15 mil *corredores*, muitos dos quaes vestidos apenas com simples *maillots* e sapatos proprios para corridas.

Novidades Literarias da Europa

EDITOR CORRÊA

UM brasileiro é um dos bons editores da época actual, em Paris. Devemos reprovar esse jovem que preferiu um campo de acção onde a luta fosse mais cruenta e sensacional para vencer, do que fundar em sua terra uma empresa sob todos os pontos de vista, temeraria? Em Paris, encontrou elle uma acerrima luta de concurrencia e de intrigas para triumphar. No Brasil, nunca poderia elle encontrar um campo á sua enorme actividade, porque ninguem lê, porque ninguem se occupa de bôas e sãs edições e um editor está sempre fadado ao fracasso; no emtanto, em Paris, completamente só, sem o auxilio de ninguem, encontrou um terreno hostil á toda cultura, cultivou-o, lutou contra todas as intemperies e, o que é verdadeiramente notavel, venceu. Em uma terra onde os editores se contam por mais de 500, um estrangeiro que vence sem o apoio de ninguem é digno de toda a admiração e veneração de seus compatriotas. E' o caso do sr. A. R. Corrêa, que possúe hoje a casa de edições que traz seu nome, e que é uma das mais consideradas e reputadas de Paris. Moço ainda, senhor de um dynamismo esplendido e de uma capacidade de trabalho invejavel, creou para o Brasil, com a sua empresa, uma excellente fonte de propaganda. Infelizmente, quando um brasileiro vence a tal ponto, todo o mundo no Brasil acha muito bonito, mas ninguem o auxilia, ninguem demonstra uma bôa vontade que possa coadjuvar com a propaganda enorme que o facto representa para a nossa cultura. O dia em que formos governados por homens que se interessem dignamente pela nossa terra e pelo nosso bom renome no estrangeiro, factos como esses serão notados e auxiliados com vivo intresse. Mas eu ainda espero que os espiritos novos da Nova Republica venham a ter a sua attenção voltada para um moço que merece, sob todos os pontos de vista, um auxilio, directo ou indirecto, dos nosso poderes. Embora elle não o acceite, o que estou propenso a crer, sempre ficará o gesto que demonstrará cabalmente que não estamos de todo abandonados e envergonhados somente nessa baixa politica que diminue a nossa pobre terra.

B. A.

Pierre Borel acaba de encontrar, na casa de um descendente de Danton, um retrato inedito de Napoleão, primeiro consul, de autoria do Barão de Gros.

John O'Londons, o celebre jornal litterario inglez, annuncia que um manuscripto autographo de R. L. Stevenson, *Leçon sur la mer* vem de ser vendido em leilão por 46 libras. Esse manuscripto, que é reduzissimo, 20 linhas, representa, portanto, mais de 100 mil reis por linha.

A casa onde nasceu Hector Berlioz, em Grenoble, vem de ser adquirida, graças á Sociedade dos Amigos de Berlioz, afim de ser transformada em museu.

Frederic Boutet, num desenho de Jean Bernard e numa photographia de Manuel Fréres.

O mais antigo "magasin" de antiguidades de Londres é o que foi immortalizado por Dickens, no seu romance *Old curiosity shop*, que existe ainda. Data de 1480 e era situado no caminho que então ia de Londres a Portsmouth, hoje plena cidade de Londres.

- «Parmi la Jeunesse Russe. De Moscou Au Caucasse», de Ella Maillart. (Fasquelle, editor).
- «Sully», pelo coronel Henri Carré. (Payot, editor).
- «S. O. S.», por Octave Homberg. (B. Grasset, ed.).
- «Marie Antoinette à Versailles», de Pierre Nolhac. (Flammarion, editor).
- «L'Imperatrice Eugenie et Sá Cour», por Octave Aubry. Flammarion, editor).
- «Deux combats navales», de C. Farrere et P. Chack. (Flammarion, editor).
- «Le fort de Vaux», por Henri Bordeaux. (Flammarion, editor).
- «Byron» (2 vols.), por André Maurois. (Grasset, editor).
- «Cercle de famille», por André Maurois. (Grasset, editor).
- «La grande cherie», por Madeleine Chaumont. (Albin Michel, editor).
- «La magesté de Rome», por Camille Mauclair. (Grasset, editor).
- «Cimarron», por Edna Ferber. (Albin Michel, ed.).
- «L'Amour en Argentine», por Claude Vincelle. Editions du Siecle).
- «Spartakus Paradis», por J. Desvallieres. (Albin Michel, editor).
- «La Revenant», romance, por Henri Bordeaux. (Plon, editor).

Aristoteles Italia — O PODER PESSOAL — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 4$

O autor procura, no seu volume, difundir o que denomina de "noções praticas para desenvolvimento physico e mental das faculdades psychicas latentes no homem, tornando-o capaz de alcançar e manter a saúde, a calma e o bem-estar physico, moral e financeiro". A obra apparece em 3.ª edição, prova evidente de que interessou ao publico.

Augusto de Saint-Hilaire — SEGUNDA VIAGEM DO R. DE JANEIRO A MINAS E A S. PAULO (1822) — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 6$

O sr. Affonso de C. Taunay, illustre academico, encarregou-se da divulgação desta obra do notavel botanico francez a quem o Brasil muito deve. E' a traducção de um livro cuja publicação foi feita trinta e quatro annos após o passamento do sabio eminente, contendo narrativas de viagens realizadas em nosso paiz, de 1816 a 1822. Depoimento sincero e precioso pelos ensinamentos que encerra, elle carece ser conhecido por quantos se interessam pelo Brasil.

Trata-se de uma grande obra que dispensa o nosso elogio.

Leão Trotsky — A VERDADE SOBRE A RUSSIA — Editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 4$

FUNDADOR dos soviets, organizador do Exercito Vermelho, Trotsky acabou em opposição ao grupo Stalin. O volume encerra uma critica sobre a situação russa, ferindo os pontos capitaes da acção de Stalin no governo. Uma analyse impressionante, fazendo-nos conhecer detalhes da actuação do Partido Communista.

H. R. Berndorff — ESPIONAGEM — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 6$

O serviço de espionagem, antes, durante e depois da Grande Guerra, foi simplesmente notavel. Este livro revela episodios sensacionaes que se passaram no Velho Mundo, focalizando personagens celebres pelas incriveis façanhas praticadas como espiões.

Medeiros e Albuquerque — MARTA — Renascença Editora — Rio — 1932 — 5$

HA dez annos, Medeiros e Albuquerque, com este livro, se apresentou como romancista. Chronista scintillante, *conteur* admiravel, poeta, quiz o illustre academico exhibir uma nova faceta do seu brilhante espirito, explorando o romance, e sahiu-se perfeitamente bem da empreza. *Marta* alcançou um grande successo, esgotando-se duas edições. Agora apparece o romance em 3.ª edição para satisfazer á curiosidade dos leitores de Medeiros, que são quantos amam os bons livros.

Rachel Prado — LEMURIA E ATLANTIDA — Rio — 1932

A senhora Rachel Prado, espirito brilhante, conquistou admiradores através do jornalismo e escrevendo dois livros interessantes. Agora é autora de um estudo curioso, de inegavel valor, sobre a Lemuria e a Atlantida.

Parece fóra de duvida que taes continentes existiram, e procura-se demonstrar scientificamente como desappareceram.

O assumpto tem fornecido margem a varias indagações suggestivas, estando o trabalho da senhora Rachel Prado incluido entre aquelles que despertam maior interesse.

A autora revela grande cultura e erudição, fazendo-se credora dos nossos applausos.

Affonso Guerreiro Lima — ATLAS ESCOLAR — L. Globo — P. Alegre — 1932 — 24$

DESTE trabalho, póde-se dizer, com bastante propriedade, que veiu preencher uma lacuna. A orientação seguida pelo autor não encontra similar no paiz, resultando na mais efficiente contribuição para o estudo da chorographia do Brasil, em particular.

Começa o autor dando uma idéa geral do Brasil, de sua posição no continente americano, de seus pontos extremos, de sua area, passando ao estudo circumstanciado das fronteiras terrestres e das costas, apresentando o relevo e distribuição das aguas para, em seguida, determinar as zonas de clima e vegetação. Depois de determinar os factores physicos, apresenta o Brasil no ponto de vista politico e administrativo e seu apparelhamento economico, o que é feito em mappas parciaes de colorido vivo, nitidos, com todos os detalhes necessários.

O trabalho graphico rivaliza com os melhores de fonte estrangeira.

A obra do prof. Guerreiro Lima, de indiscutivel utilidade, deve figurar na estante de todos os que se interessam pelas coisas do Brasil.

NOTAS DE ARTE

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA — 3.o concerto official de 1932, realizou o I. N. M. no salão Leopoldo Miguez, em a noite de 1.o de agosto, o festival Haydn, em homenagem ao bicentenario do nascimento do grande compositor austriaco, nascido a 1.o de abril de 1732.

Com o concurso da Orchestra do Instituto sob a regencia do maestro Burle Marx, tendo como *spalla* dos primeiros violinos a srta. Yolanda Peixoto e dos segundos, a srta Magdala da Gama Oliveira, e com a cooperação dos cantores brasileiros, ou melhor, teuto-brasileiros como o regente sra. Else Burckas-Ploss e sr. Walter Sommermeyer do côro da mesma origem "Harmonie" e do violoncellista brasileiro, sr. Iberê Gomes Grosso — foi executado este programma, constituido só de obras de Haydn:

1.o *Symphonia em mi bemol*; 2.o *Concerto em ré maior* (violoncello e orchestra); 3.o *A Creação* (Oratorio: canto e orchestra): *Recitativo e Aria de Raphael* (Creação dos animaes); 4.o *As Estações* (oratorio: canto e orchestra): *Primavera* (*Introducção e recitativo, Côro dos Camponeses, Recitativo e Aria de Simon, Canção com Côro*).

Abstrahindo-se de uma ou outra falta occasional e de certas falhas da massa coral, tudo perfeitamente explicavel e desculpavel dada a magnitude das peças e as difficuldades da sua execução, pode dizer-se que foi relativamente, de admiravel e admirado effeito toda a interpretação das obras de Haydn.

A orchestra sob a eloquente batuta de Burle Marx, e constituida, na sua maioria, de jovens e bellas representantes do sexo das graças, brilhou com raro brilho, principalmente no *Menuetto* da *Symphonia* e no *Adagio* do *Concerto*.

A sra. Else Ploss e o sr. Walter Sommermeyer bem mereceram os applausos com que os brindaram, sobretudo no *Recitativo* de *Primavera* e na *Aria de Raphael*.

O violoncelista Iberê Gomes Grosso causou grande sensação, provocando enthusiasticos applausos a arte com que interpretou o celebre *Concerto*.

A par do exito musical, não se deve esquecer o successo mundano. Regorgitava de ouvintes o salão nobre do Instituto e entre os presentes viam-se muitos profissionaes e amadores da grande arte de Mozart e Beethoven.

Pery Machado, o notavel violinista brasileiro, cujo proximo recital é aguardado com muita sympathia, e, onde figurará, entre outros numeros attrahentes, a celebre «Chaconne», de Bach.

Parabens ao Prof. Fontainha, director do Instituto, que nos proporcionou tão bella e edificante audição.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Por entre frequentes e calorosos applausos, realizou a O. P. R. J. no Theatro Municipal em a noite de jovedia, 5.a-f., 4 de agosto, o 2.o concerto de assignatura da temporada deste anno com o seguinte programma: HAENDEL — *Concerto grosso*, n. 6 (arcos); J. S. BACH — *Chaconne*: a) Original — para violino, solista — Romeu Ghispmann; b) Busoni — transcripção para piano, solista — Burle Marx; c) Burle Marx — adaptação para grande orchestra (1.a audição); BEETHOVEN — 3.a *Symphonia* (*Heroica*).

A não ser a ordem das partes que, parece-nos, deveria ser invertida, substituindo-se por outra a chronologica adoptada, afim de que o auditorio ouvisse ainda virgem de outras audições a grande epopéa sonora que é a 3.a *Symphonia* de *Beethoven* — nenhuma restricção de monta se poderá fazer ao esplendido concerto da Philarmonica, a que Burle Marx deu todo o fulgor da sua joven e animadora batuta. Mas é de accentuar-se especialmente a 2.a parte, em que tivemos ao mesmo tempo emoção esthetica e ensinamento historico.

A idéa, de se fazer tocar a *Chaconne*, de Bach, na sua forma original, para violino, em seguida na transcripção para piano e afinal na adaptação para orchestra, permittiu ouvir e applaudir uma sequencia crescente de belleza. Da, por assim dizer, monophonia inicial á polyphonia terminal, a celebre concepção de Bach nos foi cada vez mais agradando e empolgando pelo desenvolvimento progressivo de cada idéa sonora, ampliada, multiplicada através dos recursos superiores do piano e da orchestra. Entretanto, se essa impressão tivemol-a pensando para sentir, outra tivemos sentindo para pensar. A transcripção de Busoni, magistralmente interpretada por Burle Marx — que nos surprehendeu com o seu talento e a sua arte pianistica — mais e melhor nos emocionou.

Ao par de Burle Marx — pianista, colloquemos Romeu Ghipsmann — violinista, que nos deu as primicias de *Chaconne* em violino, que nunca tinhamos ouvido, e ouvimos com prazer pelo notavel interprete.

Dos mais bellos e mais applaudidos o 2.o Concerto da Philarmonica. Os brasileiros, principalmente os cariocas de nascimento e de coração, (incluimo-nos neste numero: somos natural do Maranhão, mas... cidadão carioca), devemos nos orgulhar com a coexistencia destes dois conjunctos orchestraes: a Symphoni-

ca, de Francisco Braga ; a Philarmonica de Burle Marx. Oxalá se constituísse também a orchestra feminista sob a batuta de Joanidia Sodré...

GABY MORLAY — Na tarde de jovedia, 5.a-f., 4 de agosto, assistimos no Theatro Municipal á representação da comedia em 3 actos e 12 quadros de Henry Bernstein — *Melo* — cujo nome faz excepção á série de hexagrammos usados pelo auctor na denominação da maior parte das suas peças (*Le Marché*, *Le Détour*, *Aujour*, *La Rafale*, *La Griffe*, *Le Voleur*, *Samson*, *Israel*, *L'Assaut*, *Le Secret*, *Judith*), e lembra não o nome de heroe ou heroina do drama, mas o predominio da musica, da melodia, do *melos*, no desenvolvimento da acção. E' no meio da musica, entre cultores della que se passa a intriga passional: Romaine é pianista, ou antes toca piano; Pierre, o marido, e Marcel, o amante, são violinistas, este celebre e aquelle desconhecido.

Escolhemos o nome de Gaby Morlay para intitular esta nota, muito embora não sejam de menor importancia os actores que encarnaram os papeis de Pierre e Marcel, porque a heroina, em torno de quem se desenrola toda a acção, que é o motivo, a razão objectiva e subjectiva do drama passional (o acto principal, o 3.º se passa depois della morta), é *Romaine* e Romaine foi encarnada por Gaby Morlay.

Ao contrario do que aconteceu com *Le Secret*, apreciamos com mais sympathia a prestigiosa actriz franceza. Gostamos mais de Romaine que de Henriette. Gaby Morlay soube encarnar com muita verdade e muito arte a personagem morbida, atormentada por disturbios do instincto materno não satisfeito, e viver a vida degradada e desgraçada de esposa adultera quasi assassina, e afinal suicida.

Pondo de parte a obra em si mesma, o genero cultivado pelo famoso comediographo, que em *Melo*, mais uma vez, realizou o conceito que elle proprio externára numa carta a Adolpho Brison — "*N'avoir jamais écrit une pièce qui glorifie la vertu*" — o que se tem de applaudir é a magnifica interpretação que lhe deu a Companhia Franceza de Gaby Morlay.

Através das scenas em si mesma sem attractivos, até sem attractivos sensuaes que a sensualidade dellas é mais repulsiva que attrahente, a heroina deu-nos impressões da mais viva realidade. Mas a impressão maior que tivemos foi a de um momento de belleza: o choro convulsivo, cheio de sentimento e cheio de arte, na scena do suicidio. Ouvio-lhe o auditorio em religioso silencio. A comedia luxuriosa transformou-se em doloroso drama. A mulher peccadora e criminosa, a esposa infiel e quasi homicida, fez-se juiz implacavel do seu peccado e do seu crime, e puniu-se inexoravelmente. De remorso e de arrependimento da paixão illegitima e de saudade e de amor da vida conjugal, quando era feliz, ou da desgraça, de nunca ter sido mãe (*Ce qui aurait tout changé, je crois c'est si j'avais pu avoir un enfant* — são palavras de suicida) — chorou Romaine antes de se applicar a pena ultima; e esse pranto exprimiu-o Gaby Morlay com inexcedivel arte.

Da peça entretanto, o que mais vale é o 3.º e ultimo acto: o dialogo entre marido e amante. E' de ver-se aquellas duas almas dominadas pela mesma paixão, lutarem pela posse de uma lembrança, a morta amada, de cujo peccado, de cujo crime nada soubera o marido, e só após o suicidio suspeitara, e de quem o amante tinha agora subjectivo ciume, ao sabel-a interessada por um certo pintor, e só do marido não delle se ter lembrado na hora extrema: *Elle t'a donné son dernier instant*, diz Marcel com mal contida emoção.

Maurice Dorléac (Pierre) e Debucourt (Marcel) encarnaram magistralmente os dois papeis de apaixonados de Romaine. Assignalemos especialmente a bellissima dicção de Débucourt; que tanto sobresahiu em a narrativa da aventura de Marcel com Helena na scena inicial do 1.º acto.

A representação, em vesperal, de *Melo*, perante numeroso publico, foi mais um successo da Companhia Franceza de Gaby Morlay.

JULIETA AZEVEDO — O talento e a cultura musicaes das brasileiras estão sendo ovacionadas na Italia através da joven cantora paulista, srta. Julieta Azevedo.

E' a noticia que nos chega de Roma pelos jornaes *Il Messagero* e *Il Popolo di Roma*. Um e outro são prodigos em elogios á interpretação que ao papel de Gilda, do *Rigoletto*, deu a srta. Julieta Azevedo.

"Gilda, escreve *Il messagero*, foi a joven cantora brasileira Julieta Azevedo, que pela primeira vez appareceu na scena lyrica italiana e impressionou pela voz de bello timbre, muito extensa, optimamente educada na escola da Prof. Brizi, pela finura e efficacia da interpretação."

"Era grande a espectativa — é *Il Popolo di Roma* quem no diz — pela estréa da joven soprano Julieta Azevedo, artista brasileira, intelligente alumna da valorosa professora italiana de canto, Hilda Brizi, que foi a mestra de uma magnifica artista da nossa scena lyrica: Gabriella Besanzoni. Não se illudiram os espectadores, porque a srta. Azevedo desde as primeiras scenas revelou-se pela riqueza e a pureza da meia voz, pela acção desenvolta e pela intelligente intuição musical, alguma coisa mais do que uma simples promessa. Applaudidissima nos trechos mais salientes, insistentemente chamada á scena, teve de bisar, juntamente com o valoroso e efficaz barytono Mario Albaneze, o duetto que encerra o 3.º acto, no fim do qual lhe foi offerecido um ramalhete de fragrantes rosas".

Se era grande o nosso desejo de ouvir cantar a srta. Julieta Azevedo, mais cresce agora esse desejo com o exito por ella alcançado na scena lyrica italiana, no Theatro Adriano de Roma. Só depois de o ter satisfeito, poderemos dar, com a sinceridade de sempre, as nossas reaes impressões, que esperamos, dado o successo actual, hão de ser semelhantes ás que tiveram os criticos de *Il Messagero* e *Il Popolo di Roma*.

Aguardando a desejada audição, daqui enviamos á cantora patricia os nossos parabens pela sua auspiciosa estréa na capital da Italia.

OSCAR D'ALVA

SER AMADA

ÉRA de manhã. André e Isabelle Dussoyer, chegados apenas ha oito dias, da viagem de nupcias, acabavam de almoçar.

— Em que pensas querida ? perguntou André á joven mulher, silenciosa havia alguns minutos, o que não era dos seus habitos.

Ella levantou para elle os grandes olhos claros, brilhantes de alegria.

— Encontro, encontro !

— Que, minha Isabelsinha ?

— Não, não ! Não mais Isabelle! E' justamente isso ! Quero um nome para ti que ninguem me tenha dado; Isabelle é para os estranhos. Em casa, eu era Bebelle; tu me chamarás Bellotte.

Elle teve um pequeno movimento, e riu.

— Mas, querida, é um nome de jogo de cartas. Será ridiculo.

— Oh ! não ! Não é verdade ! E' interessante !

— Então, seja Lotte...

— Absolutamente ! E' derivado de Charlotte. Quero meu nome. Quero Bellotte... Serei tua pequena Bellotte. E tu... não quero chamar-te Dédé...

— Como um do Sebasto...

— Não, digas asneiras... Acabo de achar. Dou-te o meu nome: tu serás Bellot... Oh ! dize que é delicado !...

André não gostava geralmente dos diminutivos, e nesse caso particular, a idéa de chamar a mulher de Bellotte não lhe agradava mais que ser chamado por ella de Bellot. Mas ella estava tão alegre com aquella descoberta, e elle amava-a com tanta ternura, que disse apenas:

— Combinado, querida. Mas sómente para a intimidade ?

— Certo ! Oh ! Como estou contente !

Ella lançou-se-lhe nos braços.

Elle apertou-a contra o coração e aprompt ou-se para partir.

— Até já, querida.

— Ate já, Bellot querido. Dize: Até logo, Bellotte.

Elle obedeceu; foi-se sem dar importancia ao caso.

"Como é gentil, como o amo, como sou feliz de têl-o esposado, pensou Isabelle, quando ficou só. Ah ! Como eu quero provar-lhe que elle teve razão em me escolher, que eu sou digna da minha felicidade..."

Ella ficou pensativa, trepidante do desejo de se dedicar, de ser bôa, de ser meiga, attenciosa, maravilhada tambem, de achar a vida tão encantadora... Como podiam deixar de ser felizes ?...

Ella havia vindo ao mundo vinte annos antes, sob o signo da bôa vontade e do optimismo.

Ella tinha dado provas disso desde a mais tenra idade: dôce boneca isenta de raivas descabidas; depois, menina ajuizada, serviçal; mais tarde, adolescente empenhada em proceder bem, não obtendo no Lyceu nenhum successo no campo de estudos nem do de sports, porque lhe faltavam igualmente disposição intellectual e physica, mas conquistando o affecto dos professores e das companheiras pela doçura, sua applicação, seu desejo de agir pelo melhor, para com todos.

— Que creança deliciosa ! diziam as velhas damas, antigas relações da familia. Ah ! não tem os defeitos de tanta menina moderna. Precisa achar um marido digno della.

E era André Dussoyer quem primeiro havia manifestado vontade de ser seu marido. De bello porte, rosto agradavel, caracter igual, intelligencia normal, occupava nas usinas do tio, que em breve substituiria, uma situação vantajosa. Encontrou Isabelle, apaixonou-se por ella, disse-lhe, e Isabelle achou essa declaração tão commovedora, tão lisongeira, que se fez logo amar André Dussoyer com um enthusiasmo que a dominava toda. Os esponsaes foram deslumbrantes, assim como a viagem de nupcias e tambem a installação em Paris.

Nos primeiros dias de intimidade conjugal, Isabelle, timida, não ousou deixar-se arrastar muito pelos assomos de ternura dedicada e despotica, de solicitude vigilante e previdente que ella experimentava a respeito de André. Depois, animando-se, certa de ser amada, não refreou mais o que era para ella uma alegria e um dever. Teve que dar livre curso a seu amor tal qual era. Acabava de dar a primeira demonstração alegre: exigindo gaiatamente a adopção de Bellot e Bellotte.

De Frederic Boutet

Outras demonstrações meigas e prudentes seguiram-se:

— Sabes, Bellot ? disse Isabelle, hoje á noite. Quero que me contes sempre tudo que fizeste. Sim, tudo. Todas as tuas cogitações de negocios, todas as tuas entrevistas, todas as tuas deligencias... Sou tua mulher, e tudo que te acontece me attinge... E eu, bem entendido, te contarei tudo, por minha vez... Oh ! Não é nada interessante... Mas te interessará, já que me interessa...

— Minha querida, certo que isso me interessará muito, disse André.

Sentado numa poltrona sob uma lampada alta electrica de luz suave, elle fumava um cigarro, repousando beatificamente, com um jornal desdobrado na mão, das fadigas do dia.

— Então começo eu, disse Isabelle. Mas, primeiro, sento-me nos teus joelhos.

Deixou-se cahir sobre elle, desastradamente.

— Querida, toma cuidado, vaes-te queimar.

— Põe fóra este cigarro importuno. Fumas demais; faz-te mal ao estomago... E depois, deixa teu jornal. Não quero que leias emquanto estiveres commigo. . .

— Lia as ultimas noticias.

— Não quero ! Quando estás em casa és todo meu. Então, eu começo hoje...

Ella contou minuciosamente todos os detalhes insignificantes de como empregára o seu tempo. Depois, André fez o mesmo. E ella reclamava explicações, insistia.

— Explica-me bem. Julgas me tão tola, que não comprehenda ?... Fala, Bellot querido, ou puxo-te as orelhas... Tua usina ?...

Nas noites seguintes, a scena reproduziu-se. Si André, da primeira vez, achou graça, depois essa graça se transformou em enfado, e outros motivos de aborrecimentos appareceram. Isabelle, cheia de cuidados, impoz-lhe o uso dum cachecol para não tomar frio, — cachecol de lã berrante que lhe banhava o pescoço e que, ao mesmo tempo, lhe parecia ridiculo e envelhecedor.

Vigiava despoticamente as refeições do marido: "Não comes... Não está bom ? Queres outra coisa ?" Ou então: "Bellot, não repete, é pesado, faz mal" "Sabes ? Não devias beber emquanto comes; faz dilatação do estomago..." Elle obedecia, contendo o enervamento.

Alem disso, Isabelle, cheia de amor começou em breve, sem se aperceber, a fazer alarde desse amor em publico. Quer dizer que ella não deixava o marido, com os olhos, afastando-se delle o menos possivel, recusando-se a dansar com qualquer outro e contrariando o que ficára convencionado entre elles; chamava-o abertamente Bellot, o que provocava na assistencia, risinhos de mofa.

"E' odioso ! ... Que é que pareço? Ella me leva no ridiculo!" dizia comsigo André.

A irritação crescia. A terna tyrania de Isabelle tornou-se para elle rapidamente odiosa. Amava sempre a mulher, mas tinha sêde de liberdade e um ardente desejo de escapar a esse jugo, ao menos dos proprios olhos, o animava... Tendo encontrado uma antiga amante, reatou relações com ella, sem prazer, aliás, apenas para se dizer a si mesmo que elle tirava uma desforra contra aquella Isabelle insupportavelmente agarrada a elle. Passaram-se algumas semanas e certa noite, de volta á casa, encontrou Isabelle que o esperava, não alegre como de costume, mas seria.

— Parece que me trahiste, disse-lhe ella, em tom dramatico. Recebi uma carta anonyma. Tema, aqui está. Está tudo ahi: o endereço, as horas de encontro...

— Que quer dizer isso? gaguejou elle, subitamente gelado de pavor...

— Quer isso dizer... Mas a voz grave de Isabelle transformou-se n'uma gargalhada... Quá! quá! quá! meu Bellot, eu queria fazer-te uma scena, mas não posso, é muito idiota! Acredita que ha gente estúpida e má... Quá! quá! quá! mais estúpida que má, aliás...

Contar-me que tu me enganas e esperar que eu acreditasse!...

Hein? E' o mesmo que te contassem que a tua Bellotte te engana...

Quá! quá! quá!

Rindo e chorando ao mesmo tempo, ella se lhe lança nos braços.

Elle recebe-a com transporte e allivio. A vista do medo que elle acabava de experimentar, elle comprehendia o que ella era para elle, elle comprehendia o valor d'este amor despotico talvez, pueril sem duvida, maçante sim, mas confiante, absoluto, unico, definitivo que Isabelle havia feito d'ella mesma.

... Elle não a trahiria mais nunca, elle resignava-se em ser victima d'aquelle amor tal qual era...

O amigo fiel

VOU contar-lhes a historia tal qual me foi narrada por quem a assistiu, em alguns dias, desenrolar-se sob seus olhos.

Imaginem uma cidadezinha perdida nos confins da França, do lado da Normandia. O mercado dos bois é o grande negocio do anno. E' no mez de junho que tem logar a ceremonia. Naturalmente, rodeiam-n'a de diversões que nada têm que vêr com a venda e compra dos animaes de chifres. Algumas diversões apparecem, cavallinhos de páu surgem, uma barraca de nougats, um tiro ao alvo, uma loteria...

As raparigas e a gente moça, então se encontram em torno d'essas atracções e muitos casamentos resultam d'ahi, sem falar em ligações outras, menos protocolares...

Desde alguns dias o tendeiro do *Plat d'Argent*, via frequentar seu restaurante, para as duas refeições da grande semana, um "agenciador de bois", rapagão de bigodes d'oiro, cujo olhar azul dava certo frio pelas costas.

Trazendo nas mãos o bastão da profissão, installava-se á mesa, sem saudar ninguém, pedia, com dois resmungos a lista de pratos, comia, dava um punhado ao cão quando Deus queria e tornava a partir sem dar palavra.

Os bois que elle havia trazido, não sabiamos si lhe pertenciam ou si vinham de alguma fazenda, onde fôse empregado.

Silencioso, ficava perto do seu gado, o cão junto as pernas e de vez em quando dava um pontapé n'esse animal arrepiado, quando elle o incommodava.

Nada mais se sabia a seu respeito.

No ultimo dia da feira, quando elle tornava a refeição de meio-dia, morosamente, quando acabava de dar ao cão o osso de sua costeleta, que acontecimento!

Os outros convivas do restaurante viram-n'o fazer o gesto de se levantar bruscamente, bater os braços no ar, depois cahir sobre a mesa, com a cabeça no prato. Estava morto.

Depois do primeiro alvoroço, a policia avisada, o cadaver no necroterio, deu-se busca nos bolsos para identificar o morto, o que permittiu telegraphar ao prefeito da communa, pedindo que viesse ao telephone do correio.

Assim, o commissario soube que se tratava d'um creado de fazenda engajado havia pouco pelos patrões orphão de pae e mãe, havia elle dito, e sem familia.

Em breve, ninguém mais se occupou d'elle, ninguem o reclamou, de sorte que ficou decidido que seria enterrado no cemiterio da cidade mesmo, onde acabava de morrer, enterro de pobre ao qual ninguém assistiria.

O proprio cão, animal sem raça, que lhe pertencia, não acompanhou o misero enterramento do dono.

O dinheiro apurado por este nas vendas feitas, foi reclamado pelo fazendeiro, que não se incommodou com o creado e eis terminada a existencia d'um homem de cuja vida tudo se ignorava. Não restava mais nada aquelles aos quaes "elle havia feito gyrar o sangue", morrendo, sinão depressa e esquecer essa emoção desagradavel. Depois de um pouco de parcimoniosa agua-benta, puzeram-n'o n'um canto do cemiterio, e foi tudo. Apenas na noite mesma d'essa inhumação sem phrases, o guarda do cemiterio, passando revista, antes de feshar a grade, achou o cão do "agenciador de bois" na terra fresca, esgravatando com afinco para desenterrar o morto. Como sabia que o senhor estava alli, pois si, escondido não se sabe em que canto da cidade, espantado sem duvida com o bronhada da policia, não havia acompanhado o sinistro cortejo?

Mas o mysterio do instincto nos animaes é insondavel como o mysterio de Deus. Vira-se o homem dar de comer ao seu cão, mas, a respeito de carinhos, fôra visto, igualmente, destribuir pontapés; e o pobre animal parecia antes timido que affectuoso para com o homem brutal.

O guarda, conforme lhe competia, escorraçou o animal antes de fechar a grade, depois tornou a entrar tranquillamente na pequena guarita que lhe servia de casa á entrada do cemiterio. No dia seguinte, de manhã, uma surpreza o esperava. O cão estava em seu posto e havia muito sem duvida, porque tinha cavado profundamente e sua tarefa febril se transformára n'um montão de terra.

— Fizeste o jardineiro na minha cova. Váe deitar!

O cão, de medo, pareceu postar-se por terra, mas não abandonou o lugar. E seu olhar era tal, que o guarda, apesar de pouco sentimental, não teve mais coragem de enxotál-o.

— Por onde passaste para estar aqui antes de mim?... perguntou elle.

Intrigado, quando chegou a hora de fechar tendo mesmo posto o cão para fora, emboscou-se por detraz da cova provisoria para surprehender o segredo d'esse diabo de animal.

Teve muito que esperar. Quando ia perdendo a paciência, elle viu. O cão appareceu subitamente no alto do muro. Com a língua pendurada, os olhos fóra das orbitas pelo esforço agarrando-se ás pedras, saltava o muro bastante alto, para continuar de noite sua tarefa de cavador.

— Este animal... pensou o camponez.

E levantando a cabeça, retornou o caminho de casa com rudimentos de meditação na sua cabeça de normando.

Tres dias seguidos, a mesma tragédia se repetiu. O guarda reparava os estragos do cão, mas a pobre creatura recomeçava heroicamente a tarefa. Evidentemente, o miserável totó não comia, não bebia, nem mo durante o lapso de tempo em que, por conveniencia, o guarda o forçava a deixar o cemitério, sabendo muito bem que elle entraria pelo muro tres quartos de hora mais tarde.

Certa noite, á hora da ronda, o homem não encontrou mais o bicho no tumulo informe.

— Deve ter morrido p'ra ahi de miséria em qualquer cova, disse elle... Mas havia pensado mal. Apenas fechou a grade, viu o cão todo eriçado saltar penosamente o muro.

Explicando a sua ausência, na garganta elle trazia uma bengala, a bengala do senhor, encontrada sabe Deus onde, firme, ainda que visivelmente estafado. O cão collocou a bengala sobre a terra e com a cauda batendo, esperou.

Já que a bengala alli estava, o senhor ia levantar-se para apanhál-a, ainda que para dar pancada naquelle que a havia trazido...

— Este pobre, miserável de cão, termina o guarda, achei-o morto na madrugada do dia seguinte. Havia perdido a esperança, não? Então deitou-se sobre a bengala, e nada mais fez para viver...

LUCIE DELARUE-MARDRUS

O ABUSO DOS "COCKTAILS"

AQUELLA manhã, o verão batia cruelmente sobre a praia. Os humanos rebentos faziam lembrar certas moscas multicôres que Bernardin observou um bello dia sobre um morangal, mas os humanos eram ainda mais multicôres que as moscas. Verdadeiro carnaval, cuja maior parte dos comparsas seriam mascarados sujos. Os pyjamas femininos sobresahiam muito, pelo brilho, variedade, excentricidade, belleza e fealdade, sobre os mantos de banho dos homens. Um monte de corpos agitava-se n'agua ao longo de toda a praia visivel, e, em summa esse espectaculo arrastava á melancolia pela extrema desharmonia entre a majestade do mar e essas miseraveis creaturas.

Eramos quatro a fixar as lunetas sobre uma d'essas mulheres maravilhosas que a natureza avara fabrica com tanta parcimonia. Ella avançava, na sua graça soberana e as outras mulheres tornavam-se feias, desde que apparecia entre ellas.

— Saber-se-á quem é? perguntou Aquila.

— Todo mundo sabe, salvo tu, replicou Fiumen, que é lady Annabella C... a quem a natureza e a humanidade conferiam favores excessivos, pois bella, acima de todas, ella é ainda alta-dama e possúe thesouros mais consideraveis que os da pobre Helena de Sparti.

— *Quem por vós dará a alma, si fôr preciso*, murmurou piedosamente Aquila, tomado d'uma emoção que parecia o classico *coup de fondre* sentimental.

Poz-se a sonhar que estava tão longe d'essa mulher como si habitasse outro planeta, e cahiu n'um triste scismar, cuja absorção elle saboreava.

Simultaneamente, elle sonhava com aventuras que o apaixonavam d'essa creatura, quasi sobrenatural, em comparação a elle, homem não bello, de fortuna modesta e mechanico, grosseiro. Lá na louca Russia, infectos marinheiros não haviam violado princezas e, ás vezes, até não as possuiram de bom grado, porque não podiam de outra maneira ganhar a vida? O ignobil Raspoutine mal cheiroso, sordido não havia encontrado suas amantes entre as damas da côrte?

Mesmo nos nossos meios um cigano viu-se eleito por uma deslumbrante condessa.

"Imbecil! disse Aquila comsigo, quando ficou só; seria extraordinariamente injusto que essa mulher te pertencesse! E que tu ouves sonhar semelhantes coisas, é já revoltante, quando muitos outros merecerem, mais que tu, tal fortuna."

Uma hora depois, não pensava mais n'isso e como durante o dia não visse mais lady Annabella, á noite, ella era para elle apenas uma imagem vaga.

* * *

ELLE entrou tarde para o hotel — uma hora da manhã — tendo dançado copiosamente no Piccadilly. Abrindo a porta do quarto, teve uma enorme surpresa. Lá estava uma mulher, toda vestida que dormia calmamente em sua cama. Com espanto, reconheceu lady Annabella. Seus cabellos meio curtos derramavam-se sobre a colcha como uma onda de sêda luminosa; seu corpo divino revelava a graça dos contornos, através as fazendas leves. Muito branca, ella tinha uma respiração igual que lhe fazia arfar o peito n'um rythmo embriagador.

Aquila ficou, durante dez bons minutos, n'um extase mystico, n'uma atmosphera de milagre ou de perfume e d'um aroma: perfume predilecto da linda *féerie*: *Mil e uma Noites*, *A Bella adormecida no bosque*, *Ondina jorrando rosas*...

No emtanto, essa atmosphera se impregnava d'um aroma: perfume predilecto da linda mulher, aroma de alcool.

O milagre não era outro senão o resultado d'uma consumação um tanto forte de "cocktails". Fosse como fosse, elle admirava o estranho acaso que o havia conduzido alli, e, com o coração cheio de admiração, fez com toda simplicidade o signal da cruz, ajoelhou-se e, em tom de prece, disse:

— Annabella, mais bella que todas as mulheres, Annabella, milagre da humanidade, Anabella divina...

Annbella abriu os olhos, olhos a principio nebulosos, depois espantados, depois quasi lucidos, apesar de tudo, os mais bellos olhos do mundo:

— *Whats the matter*? (Que ha?) balbuciou ella. Ella via o homem, olhava-o com surpresa e espanto. De repente, indignada:

— Que faz em minha casa, miseravel?!

— V. vê disse elle: adoro-a!... E não está em sua casa, senhora.

Ella começava a aperceber-se; em breve, certificou-se. Então, vendo aquelle homem de joelhos, que parecia orar ella teve um sorriso e estendeu a mão a Aquila, dizendo:

— O senhor é um *gentleman*...

Elle cobria-lhe as mãos de beijos mas, ai d'elle! a bella Annabella não era uma deusa, senão na fórma. Os liquidos de que ella havia abusado transtornavam-lhe o estomago: de repente elles transbordaram...

Envergonhada, ella se levantou e fugiu, gemendo:

— *Shoking! Shoking!*

Nunca mais a viu, mas guardou d'esse espectaculo, apesar do ridiculo desenlace, uma lembrança de infinita doçura.

— Eu tenho uma historia d'esse genero, quando eu era um joven coquecigalha, resmungou Levandre. Sómente se passou n'um barco, a caminho das Asias orientaes... A dama não era ingleza, mas um composto de misturas variadas, o que não o impedia de sêr deslumbrante sem, no emtanto, lembrar as ondinas ou as bellas de cabellos d'oiro... Uma bonita mulher, sem mais nada, á qual eu fazia uma côrte ardente e desenfreada...

O tempo auxiliava, um mar chão como o de um canal, mas tempo e mar se zangaram em algum ponto do mar Rouge e começaram a nos sacudir como nozes.

Assisti por acaso, á perturbação subita que ganhou a sua Annabella. A linda mulher tornou-se amarella, verde, azul, fóra de si, e não tardou a explodir, si assim posso dizer. E' preciso vêr que eu não tinha nada da alma de Aquila pois esse espectaculo commovedor me causou tal impressão, que renunciei á sinistra empresa sentimental.

— E' que você não passava de um... começou Lovis.

— Um pastelão! — terminou Levandre.

J. H. ROSNY AINÉ

Á MINHA CUSTA

É um assumpto usual de conversação entre homens a agiotagem, suas particularidades, suas modalidades e seus methodos. Elles experimentam com isso um sentimento beato, feito de varios outros pequenos sentimentos agradaveis: o da segurança primeiro, certos de que só o facto de falarem de tal assumpto os põe uns aos olhos dos outros, ao abrigo duma tentativa sempre a receiar, o da generosidade a evocar as obrigações que se lhes deve, o da prudencia e da perspicacia a se lembrarem daquellas ás quaes tiveram que se apegar, o da sórte que os collocou então do lado dos prestamistas, apesar de tudo muito mais confortavel que o dos devedores.

E depois é uma fonte inexgotavel de anecdotas faceis de embellezar, isto é, a enfeitar de côres emprestadas, que são o indispensavel artificio para dar ao que se diz uma apparencia verdadeira e certo sal que desperta o interesse.

— Nós somos estupidamente feitos, declarou Roberto Moulenin, depois de ter ouvido os outros em silencio: resalta de tudo isso que vocês acabam de contar que cada um de nós tem a convicção de que o dinheiro emprestado por si serve para alguma coisa e, principalmente, para o fim para o qual elle nos foi pedido, como si a sabedoria fôsse não mais pensar em uma somma que sabemos, salvo por milagre, para sempre perdida e a uma razão que nos foi dada, escolhida para nos apiedar e os nove por cento do tempo, simples pretexto, sem ligação alguma com o emprego que o interessado tem o firme proposito de fazer das notas arrancadas á nossa agiotagem... O orgulho arrasta sempre os homens, e é evidente que vocês, meu caro Mirois, ficou mortificado de rever, em Paris, a pessôa a quem adeantou o dinheiro do passaporte para que voltasse á patria; você, meu pobre Gobert, de saber que era celibatario aquelle que o commoveu com o discurso dos soffrimentos de sua esposa chumbada num leito de hospital e de seus filhos sem pão...

"Confessem! Sou como vocês, e vou dar-lhes a prova disso, que não me julgo indemne dessa exploração, contando-lhes a recordação mais desagradavel da minha carreira de "agiota"!

"Havia recebido, uma tarde, a visita dum amigo meu, que nós chamaremos, para respeitar o segredo profissional de nosso colleguismo, Charles V... Um amigo, sim; a phrase não é dita levianamente. Era um verdadeiro amigo, pois, é preciso reconhecel-o, é muita vez entre os nossos mais proximos que se esconde nossa... clientela. Como recusar ao filho de sua irmã ou ao velho camarada com quem repartimos as emoções do barbarelato e os sacrificios sem grandeza do serviço militar? Charles V... não estava, aliás, na sua primeira tentativa, nem eu na minha primeira fraqueza. Bello rapaz, sempre no ponto de realizar o "bello negocio" para o qual lhe faltavam, justamente, alguns quinhentos francos, sabia muito bem leval-os a perdão, embalal-os nas mirificas esperanças que, uma após outra, se dissipavam.

Aquella noite foi como de costume, e elle partiu armado de varias letras passadas de meu bolso para o delle e destinadas a lhe assegurarem a operação sobre um negocio de primeira ordem.

"Ora, no dia seguinte, eu almoçava, a convite dum parente, num res-

CARTA

Como pensava em ti! Com que carinho,
pronunciava o teu nome, bem baixinho,
para eu somente ouvir!
Porem, quando relembro esse passado,
e o teu amôr, agora tão mudado,
Que vontade que eu tenho de me rir!

Rir-me de mim, da minha ingenuidade,
em crêr nas juras de sinceridade,
e ter feito um poema desse amôr!...
Nem sempre, a gente ri por achar graça.
Quantas vezes nós rimos na desgraça,
para esconder do mundo a nossa dôr!...

Neste momento, os olhos, rasos d'agua,
deixam que se extravase a grande mágoa,
que me ficou da tua ingratidão.
Tenho vontade de me rir e... chóro.
Quanto mais penso, tanto mais deplóro,
não poder te arrancar do coração...

SELENE

De Claude Gevel

taurante da moda, isto é, caro, quando vi entrar, installar-se a uma mesa vizinha, um casal elegantíssimo, que ficou meio encoberto por um paravento.

Qual não foi minha estupefacção ao reconhecer Charles V..., em companhia duma linda creatura!

Evidentemente, elle estava de sórte, o patife, e offerecia almoço á sua conquista, com o meu dinheiro! Era o que elle chamava, "garantir-se uma opção!"

Confesso que comi mal. Desta vez, o despudor me pareceu excessivo, e levantei-me de cinco em cinco minutos da cadeira para observar, por detraz do biombo, que o impedia de me vêr, o manejo do impostor. Com o maior dos sangue-frios, elle representava o seu papel, sem pejo. Ria-se, fazia graças e tratava a dama como um fidalgo. Do meu lugar eu via chegarem os pratos e as garrafas. Ah! elles não poupavam nada a si — proprios! Eu tinha a impressão de que tudo quanto elles consumiam, — perdiz, *fois-gras*, vinhos religiosamente deitados em berços de pennas ou apresentando os gargallos doirados no balde de gelo — tudo me ficava no estomago...

"Interroguei ao *maître d'hotel*.

Foi em nome de Charles V... que a mesa havia sido tomada.

Veiu-me á mente tratál-o como elle merecia e contar o seu caso á bella conquistada. O papel de "estatua do commendador" pareceu-me um tanto ridiculo. Contive-me por um escrupulo de bôa educação que velava uma ultima fraqueza.

Uma esperança restava-me. Talvez fôsse elle o convidado da dama. E eu esperava com impaciencia o momento da conta.

Em risco de chamar a attenção para mim, espiava-lhes os gestos, com visível máu humor, que não tardou a irritar meu proprio commensal, com quem me alterei. Passaram-se sobremesa, fructas, licôres, café, cigarros finos, emfim o papelzinho, discretamente dobrado sobre o prato.

Eu vi, então, meu caro senhor, saccar negligentemente do bolso uma nota e posál-a sobre a conta, a cujo total elle havia apenas lançado um olhar negligente. Era a minha propria nota, da qual eu vi voltarem, que raiva!, pobres restos feitos de notas pequenas e minimas moedas.

"Vi-os partir, elle muito juntinho ella muito sorridente. Precipitei-me lá fóra em perseguição a elles, e no passeio o vi chamar um auto de luxo, onde se afundou juntamente com a companheira.

"Sonso de raiva, corri a uma agencia de correio e redigi a Charles V... um pneumatico, cujo conteúdo pódem adivinhar.

Confórme eu esperava, ficou sem resposta, ou antes esta veiu um mez depois, sob a fórma duma participação: Charles V... casava-se com uma americana e convida-me a ir á pretoria. Fui.

Era a mulher do restaurante que eu vi na poltrona vermelha em grande *toilette* e constellada de joias.

"Fui felicitar Charles V... Apertando-me a mão, elle deixou escapar:

"Foi graças a ti... Ganhei a opção!..

Dez dias mais tarde, elle me enviava numa linda carteira os quinhentos francos que lhe havia emprestado.

E vejam como somos feitos!

O prazer de ser reembolsado, prazer muito raro, como sabem, não apagou em mim a horrivel lembrança desse duplo almoço.

SÓ'

Amo a vida. Rodeado de mim mesmo,
Quanta felicidade experimento!
Tão longe a terra está dos olhos meus...
Tão perto da minh'alma o firmamento!

Ha no esplendor deste recolhimento,
Dentro de um mundo que perlustro a ésmo,
Beijos, musicas, flôres, gineceus,
Sóes e luares que me dão alento...

Nem por isso maldigo a minha sina,
— A bôa sorte de viver sózinho,
Longe de tudo, tendo tudo perto...

A vida tanta cousa assim me ensina,
Que, si, um dia chegar a ser velhinho,
Lendo estes versos, sorrirei, por certo...

ALCIDES MAIA

O CARBUNCULO AZUL

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

ONDE APPARECEM UM CHAPÉO, UM GANSO E UMA PEDRA PRECIOSA

Dois dias depois do Natal, fui de manhã á casa do meu amigo Sherlock Holmes dar-lhes as boas festas. Estava em traje caseiro, a mandriar, estirado sobre um sofá; ao alcance da mão, um cachimbo, e uma pilha de jornaes que certamente haveria lido e relido, tão amarrotados se achavam; um pouco mais além, no espaldar de uma cadeira de verga um chapéo velho, de feltro rijo, muito manchado e amolgado. Poisado sobre a mesma cadeira, um microscopio e uma fôrma de chapéo, attestavam que fora ali collocado o chapéo afim de ser examinado com attenção.

— Quer-me parecer que está muito occupado, meu caro, disse eu a Holmes, e receio incommodal-o.

— De modo nenhum, estimo immenso, até, poder discutir com um amigo o resultado que acabo de alcançar: coisa muitíssimo banal, aliás, observado, porém, suscitam-se umas certas particularidades interessantes, e até instructivas.

Sentei-me numa poltrona; fazia um frio de rachar, a neblina toldava os vidros e por isso, tratei de ir aquecendo as mãos ao lume a crepitar no fogão.

— Supponho, prosegui, que o facto que a tal ponto o preoccupa, comquanto simples, na apparencia, terá relação com um qualquer crime e que além está o indicio mediante o qual virá a desvendar um mysterio e a castigar um crime.

— Nada, nada, não é de um crime que se trata, retorquiu Sherlock Holmes, a rir, mas tão somente de um d'esses singularissimos incidentes produzidos nos centros onde, em uma superfície de alguns kilometros quadrados, se acotovellam quatro milhões de seres humanos.

"O vae-vem desse enxame humano, tão denso e compacto, pode, além dos crimes, dar origem a toda casta de acontecimentos e aos poblemas mais estapafurdios: tantas vezes tivemos provas disso, não é verdade?"

— Effectivamente, repliquei, e entre as ultimas seis cousas judiciaes, que cosignei nas minhas notas, tres resultaram isentas em absoluto daquillo a que qualifica com a designação de crime.

— Justamente. Vejo que allude aos meus esforços para haver á mão os papeis da Iria Addler, á singular aventura de Miss Mary Sutherland, e áquella historia do homem da bocca torta. Ora pois! Estou convencido de que o caso de que tratamos entrará na categoria desses taes que não tem como chave o crime. Conhece o Peterson... aquelle moço de recados?

— Conheço.

— Pois bem, é a elle que pertence este tropheo que aqui vê.

— E' delle este chapéo?

— Não é delle, achou-o. Ignora-se quem seja o dono. E recommendo-o á sua attenção, não como simples adorno da cabeça mas como um poblema intellectual. E antes de mais nada, dir-lhi-ei como é que aqui veio parar. Deu entrada nesta casa, na manhã do Natal, de sucia com um formosissimo ganso, que a estas horas estará certamente a assar nas fornalhas do Peterson. Voltemos, porém, ao principio da historia.

"Cerca das quatro horas da madrugada, no dia de Natal, o Peterson, um rapaz ás direitas, conforme você sabe, depois de cear para ahi em qualquer parte, recolhia tomando por *Tottenham-Court-Road*; eis senão quando, á luz do bico de gaz, lobriga um individuo de elevada estatura, caminhando a passo incerto, e carregando com um ganso ao hombro.

"Ao dobrar a esquina de *Goodge Street* travara-se uma alteração entre o sobredito individuo e um bando de meia duzia de desordeiros. Um deste, com o cacete que lhe servia de arma defensiva, derrubou o chapéo ao individuo, e, ao levantar de novo o cacete, partiu a vidraça da loja que lhe ficava nas costas.

"O Peterson correu a acudir ao sugeito, porem este assustado pelo desastre, de que era a causa indirecta, e ao ver um individuo fardado a correr para elle, deu rebo ás canellas e sumiu-se no labyrintho de ruas estreitas que seguem por detrás de *Tottenham-Court-Road*.

"A seu turno, os meliantes, assim que viram o Peterson, deitaram a fugir, de modo que este, ficou senhor do campo de batalha e armado com os tropheos da victoria, sob a forma de um chapéo sebento e de um soberbo ganso para o Natal."

— Tropheos que não deixaria, certamente, de devolver ao respectivo dono.

— E' nesse ponto que está o poblema meu caro amigo. E' verdade que o ganso trazia atado ao pé esquerdo um bilhete com os seguintes dizeres: "Mr. Alfred Baker" e que as iniciaes A. B. são legiveis no forro do chapéo; mas como existem alguns milhares de Bakers e alguns centros de Alfreds Bakers nesta nossa cidade, não é das coisas mais faceis o restituir a cada um delles aquillo que possam ter perdido.

— E então, que fez o Peterson?

— No dia de Natal, pela manhã, veio trazer-me o chapéo e o ganso com o sentido em me lisongear a mania, pois sabe a que ponto eu gosto de resolver problemas por mais insignificantes que pareçam á primeira vista. Conservamos em nosso poder o ganso até esta manhã, e é o ultimo limite a que poderia attingir, e quem o achou tornou a leval-o para o submetter á sorte que espera a todo o ganso gordo e cevado, e eu no entretanto, fui guardando o chapéo do incognito com tanto caiporismo privado do seu jantar do Natal.

— E o homem não publicou annuncios nos jornaes?

— Não.

— Mas sendo assim, que indicios poderá você ter quanto á sua indentidade?

— Nenhuns, a não serem os que nós mesmos podemos deduzir.

— Do chapéo?

— Exactamente.

— Ora! está brincando de certo; que poderá revelar-lhe esse chapeo tão velho e almogado?

— Tenho a minha lente. Conhece o meu systema. Qual é a sua opinião com respeito ao homem que usou este penante?

Peguei no chapeo, e, por mais voltas e viravoltas que lhe desse, senti que me não achava á altura do commetimento. Era um chapeo de côco, de feltro duro e muito ordinário, sem mais vestígio de pello.

Tivera em tempos um forro de seda avermelhado; desbotara, porem. Não apresentava nome de fabricante, mas, conforme observara Holmes internamente, de um lado, na copa, haviam-lhe rabiscado as iniciaes A. B. A aba estava furada afim de lhe adaptarem um cordão o qual já não existia, aliás.

Em conclusão, estava gretado, coberto de poeira, e com varias manchas as quaes haviam tentado disfarçar a poder de tinta de escrever.

— Não me acho mais adiantado do que antes do exame, declarei restituindo o chapeo ao meu amigo.

— Você é muitíssimo observador, mas o que não sabe é auxiliar-se do seu raciocínio para tirar conclusões dos casos que estuda.

— E' possivel, mas sempre quero que me diga o que poderá deduzir deste chapéo?

Pegou-lhe Holmes e examinou-o com aquella sua tão característica penetração.

— E' talvez menos suggestivo do que o poderia ser, ponderou; o seu embargo, suscita-me um certo numero de deducções, das quaes algumas, apenas, muito claras, outras baseadas em sérias probabilidades. E' facto manifesto que era em extremo intelligente o dono deste chapéo, e o haver-se encontrado nestes annos mais recentes, em situação que de remediada, descambou em difficultosa. Foi previdente; hoje porém, é-o muito menos, o que prova aliás um retrocesso moral, e accrescentando a isto o declinar da sua riqueza, afigura-se-me ver a indicação de um qualquer vicio secreto no seu viver, o da bebida, provavelmente. E eis o que explica sufficientemente o motivo em virtude do qual a mulher já lhe não tem amor.

— O que ahi vae, Holmes!

— E não obstante, conserva ainda uma tal ou qual respeitabilidade, proseguiu, parecendo não ouvir a minha exclamação. E' um homem de mediana edade, levando um viver sedentário, saindo pouco, não fazendo exercício, de especie alguma. Besunta o cabello já grisalho, que cortou recentemente, de pomada.

"E aqui tem quanto, de mais saliente eu fiquei sabendo mediante a observação deste chapéo. Esquecia-me accrescentar porém, que, no predio em que reside o nosso heróe, não ha illuminação a gaz."

— Está a caçoar commigo, confesse, Holmes!

— Nem por sombras. Ora essa! Pois nem sequer é capaz, pondo-lhe eu os pontos nos ii, de comprehender como é que eu me oriento?

— Está provado que sou inepto, incapaz de emular com você? Por exemplo, como é que póde saber que era inteligente aquelle homem?

Como resposta unica, Holmes poz na cabeça o chapéo, enterrando-o até aos olhos.

— E' uma simples questão de volume: um homem com um craneo tão volumoso deve ser dotado de faculdades excepcionaes.

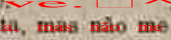
— E o declinar da sua riqueza?

— Data de tres annos este chapeo; ora, a esse tempo, estavam na moda estas abas chatas um quasi nada Reviradas. De mais a mais é um chapéu de superior qualidade. Repare para a fita de seda de cordãosinho e para o esmero do forro. Este homem, ha tres annos, tinha com que comprar um chapéu de semelhante preço, e não tornou a adquirir outro de então para cá, de onde concluo que a sua situação, é hoje menos prospera.

— Tudo isso me parece assás claro., mas como explicará você a sua previdencia e a sua retrocessão moral?

Sorriu-se Sherlock Holmes.

— A explicação da sua previdencia está aqui, disse pondo o dedo sobre o discosinho e ilhó para o cordão do chapéu, isto só se faz por encommenda, e se o homem mandou pôr este cordão como prevenção contra o vento, está sufficientemente provada uma tal ou qual, previdencia. E sem embargo, noto que, havendo se partido o elástico, nem se quer se deu ao incommodo de o substituir, o que me induz a affirmar que é hoje dotado de menos previdencia do que tinha dantes, e prova que houve enfraquecimento nas faculdades. Resta-lhe, todavia, um certo sentimento de respeitabilidade, visto que tentou disfarçar as manchas do chapéu besuntando-as de tintas.

— E' muito sensato esse seu raciocinio.

— Accrescentei que era homem de mediana edade, que tem os cabellos já grisalhos, que os cortara em data recente, e que faz uso de pomada.

"E' circumstancia em que você poderá, como eu, confirmar-se, examinando de perto a parte inferior do fôrro. Com o auxilio da lente distingo quantidade de aparas de cabello cortadas por cabelleireiro, manifestamente. Trescalam a gordura e estão pegadas umas as outras. Em conclusão, esta poeira, em vez de ser acinzentada e arenta, como a da rua, é escura e misturada de cotão, como essa que a vassoura levanta dentro de casa; de onde se conclue que este chapéu está mais tempo dependurado do que na cabeça do dono: e os vestígios de mofo que lhe noto internamente, fornecem-me prova de como aquelle que o usava não estava habituado a fazer exercicio, visto transpirar com tanta facilidade.

— Você accrescentou ainda que a mulher já não lhe tinha affeição.

— Pois não notou que este chapeu não é escovado, ha semanas e semanas? Meu caro Watson, quando sua mulher o deixar sair com um chapeu por escovar e eu o vir entrar com elle em minha casa, porei em duvida a sua harmonia conjugal.

— Quem nos diz que não será solteiro o seu homemzinho?

— Não é com certeza. E a prova, é o elle levar o ganso á mulher como penhor de paz. Lembre-se do cordel atado á perna da ave.

— Para tudo acha resposta, mas não me dirá como é que percebe que não ha gaz na casa?

— Se o chapéu apresentasse unicamente um pingo de stearina, teria cabimento a sua pergunta, mas se eu lhe contei nada menos de cinco, é mais que evidente o facto de se servir a dita personagem desse modo de illuminação, e de subir para casa, á noite.

(Continúa na pag. seguinte)

com o chapéu em uma mão e a vela a pingar, na outra. Em todo o caso estas nodoas não são provinientes de nenhum bico de gaz. Está satisfeito?

— E' muito engenhoso, retorqui a rir, mas visto que nem houve crime nem prejuizos, salvo a perda do ganso, quer me parecer que perdeu o seu tempo, meu bom amigo.

Sherlock Holmes ia responder, eis senão quando, abre-se abruptamente a porta, e assoma aos humbraes o Peterson, moço de recados, com o rosto afogueado, assarapantado de todo.

— O ganso, senhor Holmes! O ganso meu senhor, emittiu com esforço.

— E d'ahi? Querem ver que resuscitou e se pirou pela janella da cosinha?

Holmes mudou de logar no intuito de melhor observar o jogo physionomico de visitante.

— Veja isto, meu senhor, veja o que minha mulher encontrou na guéla do ganso.

E estendeu o braço para me mostrar uma pedra azul, do tamanho de um feijão, mas como fulgôr e limpidez taes que mais parecia um ponto luminoso no espaço.

Sherlock Holmes endireitou-se a assobiar

— Caspité mestre Peterson, digo-lhe que fez um precioso achado; supponho que não ignorará a qualidade dessa pedra?

— E' uma pedra preciosa, um diamante: entra pelo vidro como se elle fosse mantiga!

— Muito mais que uma pedra preciosa, meu caro: "é a verdadeira pedra preciosa!"

— Querem ver que é o carbunculo azul da condessa de Morcal? exclamei.

— Exactamente: conheci-lhe a dimensão e o feitio pelo annuncio publicado no *Times* todos os dias. E' uma joia unica em absoluto, cujo valor é impossivel apreciar. E' certo, porém, que as mil libras promettidas a quem o apresentar, não representam a vigessima parte do seu valor venal.

— Mil libras, santo Deus!

Caiu exanime sobre uma cadeira o pobre moço de estupefacto.

— E' como lhe digo: a tanto monta a gratificação, proseguiu Holmes; e tudo me leva a crer que a essa pedra anda um romance associado, e que a condessa de Morcal de bom grado sacrificaria metade da sua riqueza para tornar a encontral-a.

— Se bem me recordo, adduzi, a joia foi perdida no hotel Cosmopolitano.

— A 22 de dezembro, por signal, fazem hoje cinco dias. Recahiram as suspeitas na pessoa de João Horner, zincador, e accusaram-no de a ter roubado do cofre das jóias da dita senhora. Eram tantos os indicios contra elle, que o negocio foi transferido para o tribunal ccorreccional. Creio, até que tenho aqui um relatorio do caso.

Correu a vista por sobre os jornaes, um a um, até que encontrou afinal, o seguinte paragrapho:

HOTEL COSMOPOLITANO — ROUBO DE JÓIAS

"John Horner, de idade de vinte e seis annos, é accusado de haver roubado, no dia vinte do corrente mez, da caixa de jóias da condessa de Morcal, a preciosissima joia conhecida pela denominação de: "carbunculo azul". James Ryder, mordomo do hotel, depois de haver dado entrada ao dito Horner no toucador da condessa, no dia do roubo, para sondar o segundo varão da grade do fogão, por se achar partido, demorara-se um pedaço com o mesmo Horner, até que sahiu, acudindo ao chamado de alguem; quando voltou, deu pela falta de Horner, encontrou arrombada a secretária e vazia, em cima da mesa do toucador, a caixa de marroquim, dentro da qual, conforme se veiu mais tarde a saber, a condessa tinha por costume arrecadar as suas jóias. Ryder deu desde logo alarma e n'essa propria tarde foi capturado Horner; mas nem em casa, nem na pessoa d'este, conseguiram encontrar a joia. Catharina Cusak, aia da condessa, depoz ter ouvido o grito de affliçâo de Ryder ao dar pelo roubo, onde encontrou tudo tal qual o havia descripto a ultima testemunha.

"O depoimento do inspector Bradstreet, da divisão B, versa acerca da captura de Horner, que resistiu como um doido furioso, protestando estar innocente, em termos da maxima violencia. Como porém se conseguisse provar que o preso já havia sido implicado em um roubo o magistrado negou-se a julgar a causa sem prévio inquerito, delegando-a ao tribunal correccional.

"Horner que, durante o andamento do processo, manifestara signaes da mais intensa afflicção, perdeu os sentidos quando ouviu ler a sentença e tiveram que carregar com elle para fóra da sala".

— Hum! E a respeito de tribunal de policia, deu o que tinha que dar, emittiu Holmes com modo scismatico, pondo de parte o jornal.

"Mas a questão que ainda está por se resolver é a série de acontecimentos que deslisaram entre uma caixa de joia saqueada e o bucho de um ganso encontrado no caminho de Tottenham-Court. Conforme vê, Watson as nossas deducçõesinhas assumiram de subito aspecto muito mais sério e menos innocente. Eis ahi a pedra; pedra que foi encontrada dentro de um ganso, cujo proprietario era Mr. Alfred Baker, o tal sujeito do chapéo suggestivo, a respeito do qual você me aturou uma valente maçada. De modo que, presentemente, urge procedermos com muita circumspecção ás nossas pesquizas, tendo por alvo o dito individuo, e certificar-nos quanto ao papel por elle desempenhado n'este enigmazinho. Para semelhante fim, convém optar desde já pelo meio mais simples, e este é manifestamente um annuncio em todos os jornaes da tarde. Dado o caso de que isso não dê resultado, recorrerei a outro methodo.

— E como é que tenciona redigir o annuncio?

— Dê-me ahi um lapis e um quarto de papel. Agora:

"Foram encontrados á esquina de Goodge Street um ganso e um chapéo preto de feltro.

"Um e outro estão ao dispôr de Mr. Alfred Baker, ás seis horas da tarde, em Boker Street, n. 221, bis."

Claro e conciso, pois não acha?

— Clarissimo, o ponto está em que elle o leia.

— E' provavel que lance a vista pelos jornaes, visto como, para um homem de poucos meios, não deixa de ser importante a perda. Com o susto de ter partido uma vidraça, espavorido pela apparição do Peterson, pensou apenas em fugir; mas depois, deploraria certamente o primeiro impulso que o levou a largar o volatil. E d'ahi, a precaução que tomei de lhe mencionar o nome penso que não seria inutil, pois quantos o conhecem lhe hão de chamar a attenção para o annuncio. — Olhe lá, Peterson, chegue ali, n'um pulo, á agencia de annuncios e mande inserir este nos jornaes.

— Em quaes, meu senhor?

— A vontade! — No *Globo*, na *Estrella* no *Pall Mall*, na *Saint-James Gazette*, nas *Noticias da Tarde*.

no *Standard*, no *Echo* e em quantos mais lhe occorrerem.

— Sim, meu senhor, e a respeito da pedra?

— Fica em meu poder, e obrigado. Ah! já me ia esquecendo... A' volta, Peterson compre um ganso e traga-me, preciso d'elle para o mandar áquelle sujeito, em logar do outro que a sua familia estará a estas horas saboreando.

Assim que viu pelas costas o moço de recados, Holmes pegou na pedra e poz-se a consideral-a de encontro á luz.

— Repare bem. E' um bello specimen opinou. Veja como brilha! Origem de mais de um crime, naturalmente, como succede, aliás, com todas as pedras formosas; são a isca predilecta do demonio. Nas joias de maior vulto, e mais antigas, corresponde um crime a cada faceta. Esta pedra não tem ainda vinte annos de existencia. Foi encontrada nas margens do rio Amoey, no sul da China, e tem a seguinte particularidade: apresentando todas os caracteristicos do carbunculo, o tom é azulado, em vez do vermelho rubi. Apesar dos seus vinte annos de existencia, já tem uma historia sinistra. Estes quarenta quilates de carvão crystalizado, foram causa de dois assassinatos, de um attentado por meio de vitriolo, de um suicidio e de varios roubos. Quem havia de dizer que tão linda bugiganga viria a dar em provedor da grilheta e das prisões?

"Agora, vou arrecadal-a na minha burra e escrever duas linhas á condessa para participar-lhe que a pedra se acha em meu poder".

— Julga então que esse Horner esteja innocente?

— Não lhe sei dizer.

— E' então de parecer que andasse envolvido n'este negocio o Alfred Baker?

— A minha opinião é que está de todo innocente; nem suspeitou, siquer, o valor muito mais consideravel que teria o ganso mesmo se fosse de ouro macisso. Mas se elle responder ao nosso annuncio, confirmar-me-ei em se o está, ou não, submettendo-o a uma prova simplicissima.

— E n'este meio tempo nada poderá fazer?

— Nada, absolutamente.

— N'este caso, vou continuar o meu giro profissional; esta tarde, porém, virei por aqui á hora marcada pois estou desejoso de ver a solução de negocio tão emaranhado.

— Muito estimarei vel-o, caro amigo. Janto ás sete horas, e supponho, até, que terei um faisão. A proposito, não lhe parece que, em presença do occorrido, não será desarrazoado recommendar a Mistress Hudson que examine o papo do faisão?

II

O HOMEM DO GANSO

Demorei-me mais por causa de um doente, e já passavam das seis horas e meia quando regressei a Baker Street. Ao acercar-me do predio, lobriguei em frente do portão, a luz do candieiro, um homem um tanto alto, com um bonet escossez, e o sobretudo abotoado ao queixo.

Quando eu ia aproximar-me do sobredito, abriu-se a porta do numero 221 e entramos juntos em casa de Holmes, que se ergueu desde logo da poltrona afim de receber o seu visitante.

— Se me não engano, é o senhor Alfred Baker, disse com aquella naturalidade e aquelle modo jovial que com tanta facilidade sabia assumir. Queira sentar-se, além, ao pé do fogão, senhor Baker, faz frio e noto que nem por isso vem muito bem agasalhado. Olé! Watson chegou em boa occasião. Este chapéo será effectivamente, o seu, mister Baker?

— E' o proprio, meu senhor, não ha duvida nenhuma.

O nosso interlocutor era um homem reforçado, espadaudo, com uma cabeça massiça, rosto largo e intelligente, rematado por uma barba ponteaguda, acastanhada mas tirando já para grisalha.

O nariz e as faces, um tanto avermelhadas, as mãos um quasi nada tremulas, confirmavam-me que as suspeitas de Holmes, referentes aos seus costumes eram mais que justificadas.

A sobrecasaca prata, de tom esverdeado, vinha abotoada até o pescoço, com a gola levantada, e os magros pulsos do nosso heroe não denunciavam o minimo vestigio de punhos ou de mangas de camisa. O falar do sujeito era vagoroso e saccudido; a escolha dos termos, comtudo, attestava que era instruido e que o seu miserando aspecto seria devido a haver experimentado revezes da fortuna.

— Detivemos, uns dias, em nosso poder, esses objectos, declarou Holmes esperançados em encontrar nos jornaes um annuncio seu inteirando-nos da sua morada. Não posso perceber o motivo que o levaria a não lançar mão deste expediente.

Sorriu-se, um tanto envergonhado, o nosso visitante.

— Actualmente, vejo-me na necessidade de economizar, quanto possivel, respondeu. Era para mim ponto de fé o haver-me aquella cambada, que me assaltou, levado o chapéo e a ave. Mas o que me não convinha era arriscar dinheiro em uma tentativa infructifera, talvez.

— Sensatissimo. E a proposito da dita ave, comemol-a... não houve outro remedio...

— Comeram-n'a!

E, de afflicto que estava, ergueu-se na cadeira o nosso visitante.

— Então, que quer! A não havermos tomado semelhante resolução a ninguem aproveitaria, aliás. Mas ali tem outra, naquelle aparador, com o mesmo peso, pouco mais ou menos, e absolutamente fresca: presumo que preencherá o mesmo fim.

— Oh! certamente, replicou Mr. Baker e, como que alliviado, suspirou.

— Como é natural, temos ainda as penas, os pés, o pescoço, etc., do seu volatil de modo que se o deseja...

O sujeito soltou uma franca gargalhada.

— Representariam outras tantas recordações da minha aventura proferiu, mas pondo de parte essa circumstancia, não percebo para que poderiam aproveitar-me os *disjecta membra* do meu ganso. Agradeço, como se acceitasse, cavalheiro, e se me dá licença, quer-me parecer que poderei contentar-me com a appetitosa peça que estou vendo ali, em cima daquelle aparador.

Sherlock Holmes desfechou-me uma olhadela e encolheu imperceptivelmente os hombros.

— E aqui tem pois o chapéo e a sua ave, acudiu. A proposito, não terá duvida em me dizer onde foi que comprou o outro ganso? Nutro uma tal ou qual predilecção pelos volateis e poucos tenho visto tão gordos.

— Certamente, cavalheiro, retorquiu Baker, já de pé e sobraçando o objecto novamente encontrado. Tanto eu como uns meus amigos frequentamos habitualmente a taberna do *Alpha*, nas proximidades do Museu, nosso refugio durante as horas calidas do

dia. O nosso estimavel taberneiro, por nome Windgate, instituiu, este anno, uma tombola de gansos do Natal, tendo por objectivo membros um volatil, no dia 25 de dezembro a razão de modica quotização semanal.

Satisfiz regularmente a minha parte, e quanto ao restante não o ignora o cavalheiro. Estou-lhe immensamente grato pela restituição do meu chapéo, visto como este barrete escossez não convém quer á minha idade quer á minha dignidade.

E com pompa e gravidade comica fez-nos o seu cumprimento de despedida.

III

O MERCADOR DE GANSOS

— Resulta daqui vantagem para M. Alfred Baker, observou Holmes, assim que o nosso visitante fechou a porta. E' certissimo o elle não ter nada que ver com este caso. Está com fome, Watson?

— Nem por isso.

— Pois então, proponho-lhe que substituamos a ceia ao jantar e que vamos seguir este rastro emquanto está quente.

— Do melhor grado.

Fazia um frio intenso; envergamos os *ulsters* e os cache-nez. Tremeluziam scintillantes as estrellas na limpidez do céo, e da bocca dos transeuntes saiam umas nuvenzinhas tenues como a fumaça da polvora.

Rangiam os nossos sapatos e os nossos passos retumbavam, ao atravessarmos o bairro dos doutores, isto é: Wimpole-Street, Harley Street e finalmente, Wigmore-Street, donde enveredamos para Oxford-Street. Volvido um quarto de hora, alcançamos no bairro de Bloomsbury, a taberna do *Alpha*, situada á esquina das ruas que vão desembocar em Holborn.

Holmes empurrou a porta do bar reservado, e dirigindo-se a um individuo de avental branco, de cara rubicunda, o taberneiro, certamente, mandou vir dois *bocks*.

— Se fôr tão boa como os seus gansos, deve ser optima a sua cerveja, disse.

— Os meus gansos?

— E' como lhe digo, ha meia hora, minuto por minuto, falei com Mr. Alfred Baker, participante da sua tombola de gansos do Natal.

— Ah! agora comprehendo!... Mas se me dá licença... esses gansos não são nossos.

— Deveras! D'onde provêm então?

— D'onde? Comprei-os em um estabelecimento, em Convent-Garden.

— Deveras? Conheço alguns nesse bairro em qual delles foi?

— No estabelecimento dum tal Breckinridge.

— Breckinridge? Não conheço, replicou Holmes. A' sua saúde e á prosperidade da sua casa. Boa noite!

Sahimos.

— Vamos ver o Breckinridge, proseguiu, abotoando o sobretudo, porque a aragem beliscava a pelle. O que lhe digo Watson, é que a nossa aventura do ganso do Natal póde vir a render uma condemnação a sete annos de trabalhos forçados, a não ser que possamos provar a innocencia do accusado. E' possivel que o nosso inquerito o comprometia seriamente; achamo-nos, porém, mais adiantados que a policia visto dispormos de um dado certo com que nos favoreceu o mais propicio acaso. Sigamos pois até ao fim esse rastro e vamos navegando com o vento em popa.

Certames através de Holborn e depois, seguindo a pista do Endell Street e um dedalo de ruas do bairro baixo, alcançamos o mercado de Convent-Garden.

Por cima de uma das mais garridas portas lia-se o nome de Breckinridge; e o dono, individuo de physionomia intelligente, adornada por umas fartas suissas apresentava um aspecto de homem que lidava com cavallos. No acto de nos acercarmos, ajudava elle o caixeiro a fechar a loja.

— Boa noite! Faz um frio de rachar, disse Holmes.

Correspondeu o lojista meneando affirmativa a cabeça e desfechando uma olhadella interrogativa ao meu companheiro.

— Se me não engano, já não terá gansos para vender, proseguiu Holmes apontando para o balcão de marmore, completamente despido de mercadorias.

— Posso arranjar-lhe uns quinhentos, para amanhã, se assim o deseja.

— Não é isso o que eu lhe peço.

— E ouça lá... Se deseja alguns, immediatamente encontra-os ali, n'aquella loja, illuminada por um bico de gaz.

— Pois sim mas recommendaram-me, muito especialmente, que me dirigisse ao senhor.

— E quem foi que lhe falou a meu respeito?

— O taverneiro da *Alpha*.

— Ah! sim, vendi-lhe duas duzias de gansos.

— Eram umas peçazinhas de fazenda papa-fina. Onde foi desencantal-as?

— Ora vamos cavalheiro, proferiu, de cabeça á banda e não na ilharga, que quer dizer? Não me esteja com rodeios.

— E' claro como agua. Desejo saber quem foi que lhe vendeu os gansos, que o senhor vendeu ao *Alpha*.

— A quem muito quer saber nada se lhe diz, ora ahi tem.

— Pouco se me dá, mas não percebo por que é que tanto o irrita semelhante ninharia.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Quarto de 1.ª classe

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

AMÉRICO & CIA

RIO DE JANEIRO

RUA SETE DE SETEMBRO-86